

Co. 12501

3844

HISTORIAS MARAVILHOSAS



CONTADAS

POR

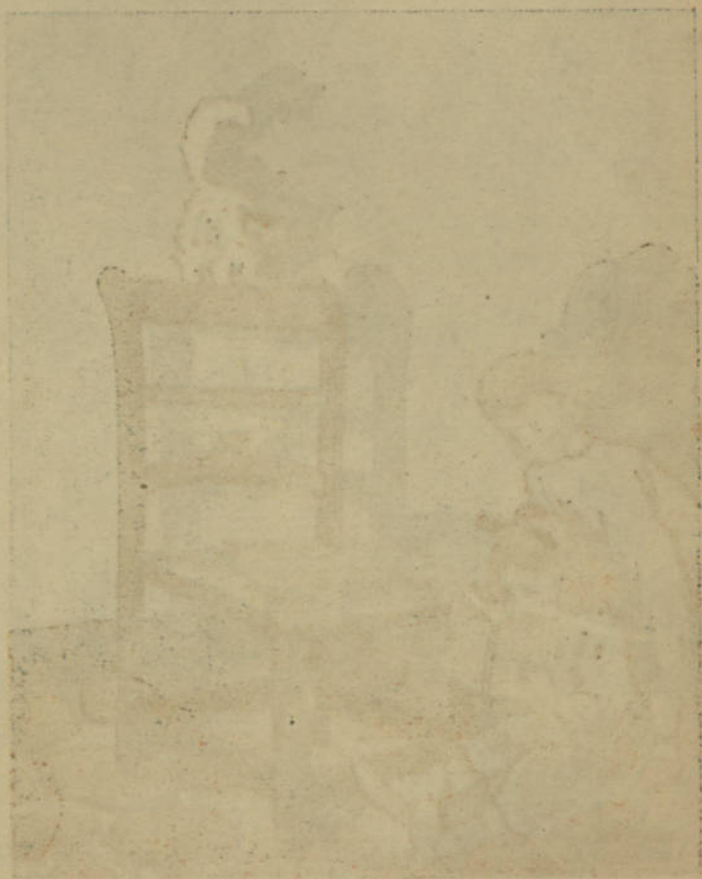
ANA DE CASTRO OSORIO

1.ª Série

01

LUSITANIA EDITORA, LIMITADA
Arco do Limoeiro, 17, 1.º
LISBOA

HISTORIA MARAVILHOSA



Chp
12.5.01

HISTORIAS MARAVILHOSAS

(da tradição popular portuguesa)

STUBBS MANUFACTURING



M. 96-7544

15-2-24
Abril 24

Colecção: PARA AS CRIANÇAS

40
12501

M.F. 23614

HISTORIAS MARAVILHOSAS

Contadas por

ANA DE CASTRO OSORIO

3.º VOLUME DA 1.ª SÉRIE

2.ª EDIÇÃO



BIBLIOTECA NACIONAL
Conservatória do Património Cultural
LISBOA

LUSITANIA EDITORA, LIMITADA
ARCO DO LIMOEIRO, 17, 1.º
LISBOA



OS DOIS ALMOCREVES

ERA uma vez dois almocreves, que levavam os machos carregados de azeite e iam de seu caminho, por uma linda manhã muito fresca em que os sinos repicavam alegres para a missa. E o mais novo, que se chamava Isidoro, disse:

— Olha lá, compadre, nós devemos ir á missa.

— Para quê? Isso não dá de comer, não sejas parvo!

— Olha que devemos!...

E devemos não devemos, a questão ia-se azedando, até que o mais velho retorquiu:

— Para tirarmos as dúvidas, vamos perguntar á primeira pessoa que encontrarmos. Se disser que sim—tiras-me os olhos e ficas com os machos e com a carga do azeite. Se disser que não—tiro-tos eu a ti e fico com o teu macho e o teu azeite.

— Pois sim, vamos lá a ver quem tem razão.

E os sinos continuavam a repicar alegremente e o bom do Isidoro a sentir cada vez maior o desejo de entrar numa capelinha muito aceada que via no cimo dum monte. Parecia que na sua alma tambem tilintavam sinos de alegria e revoadas de orações lhe vinham aos labios.

Iam andando sem ninguem encontrarem a quem fazer a pergunta, até que numa encruzilhada deram de cara com um bonito moço vestido de veludo encarnado, chapéu de plumas, espada reluzente, montando um bom cavallo ricamente ajaezado; os dois almocreves adiantaram-se.

— Senhor cavaleiro, — disse o mais velho — nós queriamos fazer-lhe uma pergunta:

—Então o que querem saber?

— Estão a tocar os sinos para a missa e eu digo que não devemos ir ouvi-la para não perder tempo, este meu companheiro diz que sim. Quem tem razão?

— Tu é que tens razão; não devem ir á missa. A vida é curta, não se pode gastar tempo com bagatelas.

E o cavaleiro partiu, a rir entre dentes, com a capa enfonado pelo vento. Isidoro tremeu de ver aquele riso tão cruel, mas nada dizia, enquanto o companheiro todo contente já se preparava para lhe tirar os olhos. E os sinos a tocarem numa alegria, numa pressa, que até os passarinhos parecia que iam voando para a igreja que alvejava lá em cima do monte.

Isidoro, chorando, pediu para que não valesse a resposta do cavaleiro, que era moço e de pouca experiencia. Iriam mais adiante, a ver se encontravam pessoa competente para decidir a aposta.

Foram andando, andando, até que encontraram um negociante, que vinha da sua feira, montado numa gorda mula, os alforjes cheios de dinheiro, cantando satisfeito. O almocreve chegou-se logo ao pé dele e de chapéu na mão:

— Senhor, queria fazer-lhe uma pergunta

— Dize lá homem ; á vontade.

— Como é hoje dia de missa, o meu companheiro diz que devemos lá ir e eu digo que não. Fizemos uma aposta e o senhor é que hade decidir.

— Não devem ir ; não sejam brutos ! Eu tambem nunca lá vou e estou bem rico e bem gordo.

E, dando de esporas á mula, foi-se cantando, com uma voz tão fria que Izidoro ficou a tremer como se estivesse enterrado em neve.

— Compadre — voltou a dizer — não me tires ainda os olhos ; deixa passar mais outra pessoa a quem perguntemos.

O homem não estava lá muito pelos ajustes, mas por fim acedeu.

Foram andando, andando, até encontrarem um velho de barbas brancas, vestido com um habito de frade. Caminhava muito devagar, passando as contas dum rosario.

Isidoro, todo contente, foi quem falou desta vez :

— Meu padre, eu queria saber se num dia de festa, como é hoje, nós podemos passar sem missa. Este meu companheiro diz que sim, eu digo que não, mas vossa reverencia é quem vae decidir.

O velho levantou a cabeça, e, olhando fito para o pobre Isidoro, disse com ar muito carrancudo:

— Quando se tem que fazer, deixa-se a devoção pela obrigação.

— Mas, senhor, a minha mãe disse-me que era obrigação que Deus nos deu irmos á missa em todos os domingos e dias santos.

— Obrigação é só para os padres. Enquanto estivesse na missa, outros viriam tirar-te a freguezia.

E foi-se andando, a mastigar orações enquanto o primeiro almocreve se ficava a rir das lagrimas do desgraçado Isidoro. E por mais que dissesse, por mais que ele fizesse, não quiz saber de mais nada — puxou da faca e arrancou-lhe os olhos.

Isidoro lamentava-se tristemente: — Ai, compadre, se fosse eu não te fazia isto! Ainda que ganhasse não te tirava a luz dos olhos, que é tudo o que no mundo ha de melhor!

O outro nem já o ouvia. O que quiz foi apanhar-se dôno dos machos e do azeite, e lá se foi, assobiando alto, pela estrada fóra, cheio de contentamento.

O desgraçado Isidoro não se cançava de chorar a sua triste sorte. Chamava em altas

vozes o companheiro, mas estava abandonado, ninguém lhe respondia!

No campo deserto apenas se ouviam os sinos, que na capelinha branca do cimo do monte repicavam alegremente tocando ás *Avé-Marias*. Meio dia. O sol abrazava. Isidoro ajoelhou pedindo protecção a Deus. Depois, mais consolado, sentou-se debaixo duma arvore, matou a fome com um bocado de pão que trazia no bolso, e ás apalpa-delas foi procurando um lugar seguro onde se abrigasse do ardor do sol e do frio da noite. Encontrou asilo debaixo duma fraga. Deitou-se, chorando sempre a sua triste sorte, e tanto chorou, tanto se lamentou, que por fim adormeceu.

Era alta noite quando acordou sobresaltado, ouvindo grande barulho de vozes e de gritos sobre a fraga onde estava escondido.

Quando acalmou o tumulto, ouviu uma conversa pela qual ficou percebendo que eram os demonios que ali se reuniam a contar o mal que nesse dia tinham feito á humanidade. Cada um vinha por sua vez enumerar a lista dos maleficios, e quanto maiores eram tanto maior era a alegria de todos. O pobre Isidoro estava tranzido de medo, não se cançando de rezar todas as orações

que sabia. Qual não foi o seu espanto ouvindo um que dizia: — Eu obriguei dois almocreves a ficarem sem missa e um a tirar



os olhos ao outro. Mas foi preciso vestirme de cavaleiro, de rico mercador e de velho frade, porque o rapaz estava teimoso. Por fim sempre ficou cego e roubado! Agora o que ele não sabe é que o remedio para a

sua cegueira o encontraria debaixo desta fraga.

«Existe aqui uma herba que lhe dará a luz e a alegria se esfregar os olhos com ela.

— E tu o que fizeste? — perguntou o maioral a outro.

— Eu tirei a agua a Lisboa. Meti uma grande pedra no chafariz e como não sabem onde está o mal tudo se hade desesperar com sede. E com esse desespero haverá boa colheita para nós!

— E tu?

— Eu arranjei logar na travesseira da rainha, e tanto a pico, tanto a faço sofrer, que hade morrer blasfemando e lá a teremos no inferno.

Isidoro, que isto ouviu, deixou-se estar muito calado, fazendo-se pequeno, a um canto, estarecido de medo. Logo que a manhã rompeu, o que percebeu pelo cantar dos passarinhos, tratou de procurar a tal herba e de esfregar os olhos com ela. Imediatamente ficou bom!

Que alegria a do pobre rapaz quando pode contemplar o céu azul, o campo verde, as flôres que se alevantavam tão lindas na frescura da manhã!

Caíndo de joelhos e chorando de felici-

dade, agradeceu a salvação da sua alma e a sua rica vista, que assim milagrosamente tinha recuperado.

Os inimigos fazem bem, muitos vezes, querendo fazer-nos mal. Se o coração é puro e a consciencia está livre, sempre ha quem nos proteja obrigando os maus a descobrirem a sua maldade.

Logo que se viu outra vez com os seus olhos, foi tal a satisfação que sentiu o misero almocreve que não fazia senão cantar e saltar pela estrada fora.

Foi andando até que chegou a Lisboa. O seu primeiro cuidado foi pedir agua. Negaram-lha, na maior consternação. Havia dois dias que o chafariz tinha secado. E se continuasse assim morreria tudo á sede. Foi o que Isidoro quiz ouvir. Dirigindo-se ao governador da cidade ofereceu-se para de novo fazer correr agua, se lhe dessem uma certa quantia. Aceite o negocio, foi ao chafariz, tirou a pedra que o demonio lá tinha posto, e logo a agua tornou a correr, abundante e cristalina como antes.

O povo, cheio de reconhecimento, encheu o nosso heroe de festas e presentes. Além do que ele tinha pedido, ainda lhe deram mais dinheiro. Foi dali, o bom do Isidoro,

ao palacio real e pediu para falar á rainha. Responderam-lhe que não podia ser, pois estava tão doente que nem de dia nem de noite socegava, não fazendo senão gritar. Teimou que o deixassem entrar — que logo a curaria.

Preveniram o rei, que, sabedor do bem que o rapaz tinha feito á cidade, mandou ordem para o deixarem subir.

Chegando ao quarto da rainha doente, pediu uma brazeira com brasas bem acezas e uma caldeirinha com agua benta. Tirou a traveseira da cama e, pondo-a sobre as brasas, deitou-lhe por cima agua benta.

Levantou-se um fumo muito espesso, que encheu o quarto, e ouviu-se um estrondo tão grande que todas as janelas tremeram.

Correu tudo á cama e viram a rainha já boa, a rir muita satisfeita, como se lhe tivessem tirado de sobre o corpo o pezo de muitos kilos; vestiu-se e logo andou pela casa tão boa que niguem diria que era a mesma.

O rei, contentissimo, deu todo o dinheiro que Isidoro pediu, cumulou-o de presentes e queria que ele ficasse no palacio.

Nas como não era ambicioso, por coisa nenhuma do mundo quiz abandonar a sua

terra e a boa mãe que lá o esperava. Comprou um cavalo e ei-lo aí vai pela estrada fóra, de volta á sua querida aldeia, prometendo a si mesmo nunca mais de lá saír e não faltar à missa, por mais que o dissuassem os inimigos. Fazendo os seus planos de vida futura, todo o caminho lhe pareceu curto. Compraria uma casa com a sua horta pegada. Os paes e os irmãos, todos teriam onde se recolher. Depois, casaria com a sua noiva, teriam muitos filhos e todos seriam felizes tendo que comer e trabalhando.

Ora, no meio do caminho, quem hade ele encontrar? O almocreve, seu antigo companheiro, com os machos e competente carga. Que admirado ficou de ver Isidoro com vista e tão bem posto! Não se cançava de fazer perguntas, e este, contou tudo o que lhe tinha acontecido desde que se tinham separado, e a maneira como recuperara os seus claros olhos e conseguira arranjar a fortunasinha que levava para casa.

O outro não quiz saber mais, entregou-lhe os machos e foi-se pôr debaixo da fraga para ouvir os demonios — que assim davam ocasião a ganhar-se tanto dinheiro.

Quando chegou a noite, ouviu um barulho

infernall; depois, os mesmos demonios que falavam. Disse o primeiro :

— Antes de mais nada, vamos ver debaixo da fraga. Por causa daquele maroto que nos escutou, apanhei uma escaldadela de brazas e agua benta, que ainda tremo. E nunca mais posso entrar no quarto da rainha.

— E eu perdi o meu trabalho, porque a agua já corre outra vez em Lisboa — acrescentou o segundo.

— E eu ensinei-lhe, sem querer, a curar-se da cegueira.

— Vamos ver debaixo da fraga !

— Vamos, vamos! — gritaram vozes de todos os lados, que era de atordoar. O almocreve foi agarrado, e fizeram-lhe taes tratos, que no outro dia foi encontrado morto no fundo dum vale, e tão negro como negra era a sua alma.

Era o castigo que merecia pelo mal que quiz fazer ao companheiro, o bom do Isidoro. Esse lá marchou para a terra, com toda a sua fortuna e os machos do almocreve.

Foi muito feliz durante toda a vida rodeado de filhos e netos, alegre e carinhoso para todos, morreu muito velhinho, deixando muitas saudades na terra.



A MENINA FADADA

HOUVE em tempo um homem que tinha três filhas e era bastante rico.

Naquela terra era costume: quando alguma rapariga chegava á idade de casar, mandavam os pais fazer uma bola de oiro ou de prata ou de cobre, conforme as suas posses, e punham á porta da rua para os rapazes saberem e poderem apresentar-se como pretendentes. Assim pois, quando a filha mais velha do tal homem quiz escolher marido, o pai mandou fazer uma grande bola de oiro martelado e pô-la á porta da sua casa.

Passavam bons homens honestos, rapazes trabalhadores e inteligentes, mas como não tinham fortuna e viam uma coisa de tanto valor diziam :

—Nada, aquela é muito rica, não é para nós!

Até que um dia passou o filho dum rei, e, como esse possuía muitas riquezas, não teve receio de casar com a menina. Entrou e pediu-a em casamento, o que encheu pai e filha de jubilo e de vaidade. Ajustaram tudo, e dahi a dias realisou-se a cerimonia, partindo a nova princeza para o formoso reino de seu esposo.

Correu tempo e chegou a vez da filha segunda casar, mas como o pai tinha gasto muito dinheiro com a bola de oiro não poudo fazer senão uma de prata, mas que era de tamanho tal que nenhum rapaz da terra se atreveu a falar á rapariga. Passou então um fidalgo opulento, que a achou do seu gosto.

Entrando, pediu a menina ao pai e tudo se combinou logo ali.

Tornou a correr tempo e chegou a vez da terceira: então o pai disse-lhe que não tinha dinheiro para mandar fazer uma bola de oiro nem de prata, mas sómente de cobre.

—E' o mesmo — disse a menina — cada

qual deve contentar-se com a sua sorte. Por ser mais pobre do que minhas irmãs não me considerarei menos feliz, se tiver um marido que me queira bem.

Em vista disto mandou o homem fazer uma bola de cobre e coloca-la á porta. Passou um príncipe, que andava a procurar noiva acompanhado por luzido cortejo de fidalgos e pagens, e olhando para a bola de cobre sorriu com desdem, dizendo:

— Ali está uma noiva que me não serve, porque é pobre de mais para mim.

Vieram depois os altos funcionarios de estado, condes, ricos homens da côrte, orgulhosos burguezes abarrotados de oiro, rapazes sem posição, á cata de noiva rica; todos por ali passaram e nenhum se lembrou de entrar e pedir tão boa menina, que só tinha o defeito de ser pobre.

Até que, por fim, veio um bom e intelligente rapaz que nada mais tinha do que os seus braços para trabalhar e que havia muito procurava noiva que o não envergonhasse e pudesse ama-lo sem interesse. Vendo a bola de cobre que tinha afugentado os mais, disse cheio de contentamento:

— Esta, sim, esta é que é a mulher que convem á minha modestia.

Entrou e falou com ela e com pai, e daí a dias casaram e foram para a sua terra, que era um pouco distante.

As irmãs da menina, como estavam casadas com príncipes e fidalgos, ficaram furiosas por a saberem pobre, e nunca a procuraram; sem se lembrarem, aquelas egoistas, que se a mais nova ficára sem fortuna a elas unicamente o devia, pois tinham arruinado o pai com os seus dotes. Enfim, os dois não se importaram e não fizeram senão bem,

A menina era muito feliz com o marido, e, apesar das irmãs serem ricas e ela pobre, não lhes tinha inveja nenhuma.

Assim viveram na maior paz e harmonia, trabalhando com gosto, até que uma noite a menina adoeceu e o marido saíu para ir buscar um remédio. Como não tinha criada ficou só com uma filhita de poucos meses, que tinha.

Nisto bateram á porta e ela como não tinha medo dos ladrões, porque nada possuía que tentasse a cubiça, mandou entrar. Ficou muito condoida vendo que eram três velhitas mal trajadas que lhes pediam abrigo para a noite que estava invernosa e má.

Apezar de doente, lá se foi arrastando e

serviu-as de tudo quanto de melhor tinham em casa. As mulheres agradeciam reconhecidas, elogiando a joven senhora e a criancinha que trazia nos braços. Quando o marido voltou aprovou tudo quanto a mulher tinha feito e igualmente tratou bem as pobresinhas.

De manhã, mal começou a luzir o buraco, levantaram-se as tres velhas e, chegando ao berço onde a criança dormia — porque eram, nem mais nem menos do que tres pederosas fadas, que assim se disfarçaram para experimentar a bondade da menina e recompensarem as suas acções — e fadaram-na. Disse então a que parecia ser a mais considerada, pois que as fadas, não tendo idade, não se pode dizer qual a mais velha :

— Eu te fado para que sejas a mais formosa mulher do mundo.

Foi a segunda e disse :

— Eu te fado para que sejas a mais feliz de quantas existem.

Depois, a terceira :

— Eu te fado para que as tuas palavras sejam flôres, as mais perfumadas e belas.

Tocaram com as varinhas de condão no bercinho pobre e logo se mudou em doirado berço de princeza, coberto de sedas

e holandas. Tocaram nos moveis modestos, nas paredes nuas, na roupa desguarnecida, em tudo que ali havia, e logo a miseravel casa se transformou em grandioso palacio, opulentamente mobilado e ornamentado com gosto de fadas.

Basta dizer isto para se calcular os seus esplendores.

Desapareceram em seguida, deixando aquela bondosa familia a nadar em contentamento e riquezas.

Logo que as irmãs da menina a viram habitar um palacio tão rico e não precisar nada, fizeram as pazes com ela e já não podiam passar sem a visitar todos os dias.

Assim foram passando os dias meses e anos.

A irmã mais velha, casada com o principe, vivia muito mal com o marido e apesar de estar em tão alta posição não fazia senão lamentar-se e invejar a irmã mais nova. Tinha uma filha que era da idade da *menina fadada*, mas não se parecia com ela na beleza e menos na bondade. Iam crescendo juntas e davam-se muito, apesar da invejosa não poder vêr a prima.

Já eram grandes quando por ali passou o rei dum grande país, que andava a viajar.

Viu a *menina fadada*, e ficou tão agradado dela que imediatamente lhe pediu para ser sua esposa, ao que acedeu por igualmente ter ficado logo a simpatisar com ele. Pediu-a aos pais e combinaram ir ao seu reino buscar comitiva digna de acompanhar uma tão bela e bondosa noiva, para casarem em seguida.

Despediu-se com magua e partiu, indo a menina avista-lo até onde podiam alcançar os seus olhos, da torre mais alta da cidade.

Mas, quando estava divisando muito ao longe, veio a prima com um ferro em braza e tirou-lhe os olhos, fugindo muito depressa para que ninguém soubesse de tão feia e criminosa acção.

Muito triste por se ver cega e sem acertar com a sahida começou a chorar. Tanto chorou e se lamentou que um velho camponez, que andava vendendo fructa, passando por baixo das janelas da torre, olhou para cima e cheio de piedade a foi buscar e recolheu na sua choupana, no meio das serras.

Os pais, como a não vissem voltar, foram á torre procura-la e, não a encontrando iam morrendo de desgosto; mas então lhes appareceu uma das boas fadas e asse-

gurou que a filha era viva e brevemente a veriam.

Outra foi ter com a afilhada, deu-lhe uma varinha de condão e explicou-lhe o que devia fazer, animando-a para que tivesse esperança.

Decorrido o tempo preciso para o rei voltar da sua viagem, mandou a menina o campones á cidade a ver o que por lá se passava. O velhote carregou o burrinho com as coisas que costumava ir vender e lá foi perguntar novas do rei.

Á noite veio para casa, muito triste, dizer: — que o principe voltára e ia casar com a prima, que se apresentára como noiva, dizendo que a menina tinha fugido e nada se importava com ele. Primeiro não quizera crer, mas a intrigante taes coizas lhe dissera que já estava fiado e ia aceita-la por esposa.

A menina fadada não perdeu a coragem, mandou descançar o seu protector e no outro dia de manhã mandou-o outra vez á cidade para perguntar á noiva do rei se queria um ramo de flôres raras para lhe oferecer, pois quando falava as suas palavras eram flôres como nenhum jardineiro seria capaz de as obter á custa de todos os trabalhos e despêsas.

A outra respondeu que sim, e que lhas mandasse imediatamente porque o casamento seria no dia seguinte. De novo enviou a *menina fadada* o homensinho á cidade para dizer á prima que lhe mandasse os olhos, aliás não podia fazer-lhe o ramo com a arte e o bom gosto do costume.

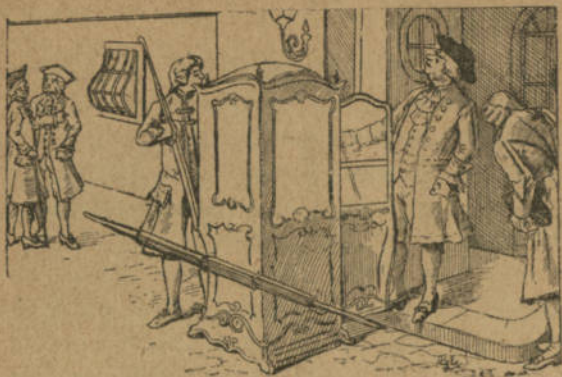
Como tinha um grande empenho de presentear o noivo com um mimo tão precioso e raro, logo lhe mandou os olhos numa bacia de prata.

Foi o que a *menina fadada* quiz, pois, tocando-lhe com a varinha de condão que a fada lhe deixára, ficou logo tal qual era. Vestiu-se toda de preto, cobriu-se com um véo, e dirigiu-se ao palacio do rei, seu noivo, pedindo audiencia. Os guardas não a queriam deixar entrar, por não ser costume os soberanos darem atenção a quem os procura tão modestamente vestido, mas a menina pediu tanto e com tão boas palavras que lá a deixaram subir até onde ele estava. Quando viu uma senhora vestida de tão rigoroso dó, parece que teve um presentimento e pediu-lhe para levantar o véo. Obedeceu, e o rei reconhecendo-a ficou alegrissimo, querendo logo saber o que se tinha passado. *A menina fadada*, tambem

muito contente, tocou com a varinha de condão nos seus modesto vestidos ficando tal qual uma rainha. Então contou tudo o que a prima lhe tinha feito.



O rei ficou tão indignado que mandou prender a invejosa na torre onde estivera a menina. Para ali morreu ralada de ciumes e de inveja, enquanto à prima foi sempre a mais feliz e amada das criaturas.



O CARVOEIRO

ERA uma vez um rei que gostava muito de ir á caça. Um dia, perdeu-se da sua gente, e encontrou-se só num grande bosque onde viu um carvoeiro que andava trabalhando. O rei dirigiu-se para ele e perguntou-lhe :

— Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro ; não ganhas ?

— Eu, Senhor, ganho doze vintens por dia. Quatro empresto-os a juros, quatro são para pagar uma divida, e os outros quatro para viver com minha mulher.

Ficou o rei muito admirado e quiz saber como eram aquelas contas, porque no seu erario tão opulento nunca chegava o dinheiro para as despêsas, quanto mais para pagar dívidas e emprestar a juros para o futuro? O carvoeiro explicou então:

—O empréstimo, é crear os filhos que depois trabalharão quando eu não puder. A divida, é sustentar os meus pais, que já são velhinhos e nada podem fazer e me crearam a mim. Outros quatro vintens, para comer-mos nós dois.

Ficou o rei contente com a explicação e disse-lhe que a não desse a mais ninguem sem ver a cara dele cem vezes. O carvoeiro assim o prometeu e o rei foi ter com a sua comitiva. Logo que chegou ao palacio, mandou reunir todos os seus conselheiros, ministros e mais dignatários da côrte e disse-lhes que lhe explicassem como pôdia um homem que ganhava doze vintens pagar uma divida, fazer um empréstimo e sustentar-se a si e á mulher? Acrescentou ainda: aquele que decifrar o enigma ganhará a minha confiança e os outros serão desterrados ou mortos, porque na minha côrte não quero ignorantes nem brutos.

Ficaram os sabios afflictos e os que não

eram sabios estudavam de noite e de dia ;
mas, por mais que matutassem, não podiam



sair-se daquela. O primeiro ministro, que
era um velho muito esperto, andava triste
como a morte por ver que duma só vez

perdia os seus belos créditos e benefícios de largos anos. Descorçoado de todo foi um dia passear para o bosque, onde se sentou a chorar. Daí a pouco veio o carvoeiro e perguntou o que tinha Sua Ex.^a para estar assim tão triste, sendo rico e gosando da consideração do mundo.

Contou o ministro o que o rei tinha dito, e o carvoeiro riu-se dizendo:

—Eu sei o que o rei quer dizer na sua, mas só em lhe vendo a cara cem vezes poderei dar a significação.

O ministro percebeu o que queria dizer, e foi buscar cem peças de oiro.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho para a resposta á sua pergunta ninguem a soube dar! Então o primeiro ministro pediu licença e disse o que era, com grande admiração e inveja da côrte. O rei ficou zangado e foi ter com o carvoeiro para o castigar por ter desobedecido. Este não teve medo, foi buscar as cem peças, e, mostrando-lhas disse:

—Vossa Magestade ordenou-me que não desse a explicação sem ver a sua cara cem vezes, e como o seu ministro me deu estas cem peças com a sua cara cumpri as ordens que me deu.

O rei riu-se muito e ficou tão contente com o carvoeiro que por força lhe queria dar um premio. Ele não desejava mais do que tinha; estava assim muito bem. Mas o rei tanto teimou, que por fim disse-lhe:

— Pois eu só aceito de Vossa Magestade uma coisa.

— Dize lá, O que desejo é que queiras alguma coisa. Tudo te farei porque tudo merece quem tem uma cabeça como a tua.

— Só quero que Vossa Magestade me dê o direito de receber cinco réis de cada marido que tenha medo da mulher.

— Isso é um disparate que não tem razão de ser! Pois é possível que haja um homem tão idiota que se deixe governar pela mulher?! Não, cá no meu reino não ganharias muito e então pede outra coisa, que eu quero dar-te uma fortuna.

— Se Vossa Magestade me não dá isto, outra coisa não aceito.

Tanto teimou que o rei concedeu-lhe o direito que pedia, e foi-se embora.

Passou-se tempo, e, um dia que o rei estava na varanda do seu palacio, viu uma carruagem muito bem posta e dentro, feito um *figurão*, o nosso amigo carvoeiro. Mandou-o logo vir á sua presença e perguntou-

lhe com muita curiosidade: — como tinha adquirido aquela fortuna?

— Usando o direito que Vossa Magestade me conferiu — respondeu a rir. — Eu já conto como o tenho exercido, mas primeiro vou descrever uma mulher que vi ha pouco. Senhor! Tinha nas faces o colorido da rosa! Os seus cabelos eram loiros como os trigaes maduros! A sua bôca vermelha como os morangos perfumados! As suas mãos compridas são elegantes como lirios! A andar parece a imperatriz das fadas! Os seus olhos, Senhor! não ha nada com que os comparar!...

Estava o rei muito entusiasmado a ouvir o carvoeiro feito fidalgo, quando este viu a rainha que chegava e continuou mais alto:

— Emfim, Senhor, ela é tão linda que só desejo que Vossa Magestade a veja.

O rei atalhou logo:

— Fala baixo, que vem ahi a rainha!

O carvoeiro desatou a rir e disse:

— Ah! tambem?!... Passe para cá cinco réis!



OS MENINOS

DA

ESTRELA DE OIRO NA TESTA

HAVIA, num país muito distante daqui, uma viuva que tinha tres filhas.

Este caso passou-se ha tantos anos que o nome da terra como o das pessoas já esqueceu de todo; delas sabemos apenas a historia que se vai contar.

Ora esta viuva entendia de feitiçarias e, sendo aliás boa mulher, muito bem se governava com as suas traças e sabenças.

Quando as filhas chegaram a mulheres,

chamou-as um dia e mandou-as para o bosque, no caminho que o rei traria ao voltar da caça, e muito bem lhes ensinou o seu recado.

As raparigas eram formosas como poucas, com especialidade a mais nova, que além de bonita era um anjo de bondade. Vestiram-se com a maior riqueza possível e foram sentar-se á beira do caminho, mas todas separadas: a mais velha á entrada do bosque, a segunda no meio e a mais nova no fim.

A primeira assentou-se com a roca á cinta a fiar e logo ouviu ao longe o tropear de cavalos e o som alegre das buzinas de caça; logo após viu chegar o rei, um rapaz muito novo, que havia pouco subira ao trono, seguido de numerosa comitiva de fidalgos, pagens, batedores, falcoeiros e mais gente indispensavel em tal divertimento. Mal deu com os olhos na menina sentadada á beira do caminho, parou, tirou com galanteria o emplumado gorro e perguntou-lhe o que estava fazendo.

—A mostrar as minhas fracas habilidades, Real Senhor, — respondeu ela.

—Quais são essas habilidades, formosa dama?

—Fiar numa só noite linho bastante para

Vossa Magestade vestir os seus exercitos



durante um ano inteiro.

— Grande milagre será esse, Senhora minha, pois deveis saber que o meu exercito é o maior do mundo.

— Embora! Cumprirei o que digo.

— Fazeis-me a graça de habitar o meu palacio real?

— Da melhor vontade.

A menina foi para o palacio, com o ajudante de ordens do rei, e ele continuou o seu caminho. A meio do bosque deparou com a segunda menina assentada a coser, e disse para a sua gente:

— Bravo! Se a primeira era formosa esta ainda o é mais.

E, cumprimentando-a perguntou o que estava ali fazendo.

— Real Senhor, estou aqui para mostrar as minhas fracas habilidades — respondeu.

— Então quaes são elas?

— Fezer numa só noite roupa que se meta no fundo dum bahu e que as suas tropas não serão capazes de romper durante um ano.

— Oh, oh! Isso seria um grande milagre! Quer a menina ir para o meu palacio!

— Da melhor vontade.

E aquella foi tambem, acompanhada por um ajudante do rei, enquanto este, com o resto da comitiva, seguia o seu caminho.

À saída do bosque encontrou a mãe



nova das tres irmãs e ficou abismado com
tamanha beleza. Foi junto dela e perguntou-

lhe o que estava ali a fazer:—tão bonita e tão só á beira dum caminho?

— Eu estou aqui para mostrar as minhas fracas habilidades.

— Quais são elas, Senhora? Muito boas devem ser se as avaliarmos pela formosura do vosso rosto.

— E' que uma fada me fadou ao nascer para que eu tivesse dois meninos e uma menina cada um com sua estrela de oiro na testa.

— Está bem; venha comigo para o palacio e será minha esposa.

Assim foi; e durante oito dias só pensaram em alegrias e folgares. No fim desse tempo, disse o monarca á mais velha das irmãs:

— Senhora, é tempo de cumprir o que prometeu.

Ela inclinou a cabeça, submissa; foi á noite para um quarto sósinha e de manhã tinha-o cheio de linho fiado, ensarilhado, tecido e pronto a ser talhado para vestir os soldados do rei. Este ficou muito contente e só no fim de mais oito dias de festas disse á segunda — que era tempo de tambem cumprir o que prometêra no bosque.

Á noite foi sosinha para um grande quar-

to e de manhã estava tão cheio de roupa já feita, que todas as tropas do reino não seriam capazes de as romper durante um ano. Trouxeram um bahu e não chegaram a cobrir o fundo.

O rei, muito satisfeito por ver que as duas irmãs tinham cumprido as suas solénes promessas, resolveu logo casar com a mais nova, a ver se também cumpria o que dissera — ser mãe de tres meninos com estrelas de oiro na testa.

Fizeram-se grandes festas, houve muitas alegrias, pois a nova rainha a todos agradava pela sua muita bondade e delicadeza. Só as duas irmãs se enraiveciam com isto, pois lhe tinham uma grande inveja. E começaram a combinar o que haviam de fazer para desgostar o rei da pobre irmã, que só para ela tinha carinhos e boas palavras.

Passado muito tempo de combinações, foram chamar uma feiticeira de má fama que ali vivia e pediram-lhe conselho.

Como lhe pagaram bem, a mulher foi logo pôr-se ao seu dispôr e aconselhou-as a resolverem o rei a que fosse por alguns meses combater os infieis. Nesse meio tempo nasceram os dois meninos e uma menina com uma estrela de oiro na testa—que eram

a coisa mais linda que se pode imaginar! Nem os anjos nem as fadas têm beleza igual á daquelas tres criancinhas.

As tias, aconselhadas pela feiticeira, esconderam os meninos e foram ao campo buscar tres sapos que puzeram no berço e mandaram dizer ao rei que a irmã tivera aqueles filhos.

O rei ficou desesperado e deu ordem terminante para que a rainha fosse enterrada viva até á cintura á porta da rua, e todos os que entrassem e saíssem lhe dessem uma chibatada e lhe cuspissem na cara.

A infeliz chorava, chorava, e dizia que soffria inocente; mas que fazer se ninguem acredita nos desgraçados?! O marido nunca mais a quiz ver nem mesmo ouvir falar no seu nome, e as irmãs só tratavam de festas e folguedos gosando do palacio como se fossem as donas.

Ora os meninos metidos pelas tias numa caixinha de pau muito bem betumada e com uma grande soma de dinheiro dentro, foram deitados ao rio, para que a pessoa que recolhesse as tres criancinhas mortas tratasse de as enterrar, sem dar mais çavaco, para lhe não tirarem o dinheiro.

Foi a caixa navegando rio abaixo até que

deu na roda dum moinho e a fez parar. O moleiro que estava dentro a conversar com a mulher, mal sentiu o moinho parado foi logo ver o que era e achou a caixa, que por milagre se não desfizera de encontro á roda, antes a fizera suspender como se esperasse o dono. Muito surpreendido, pegou numa vara, puxou o caixotinho para a margem e levando-o para dentro abriu-o deante da mulher. Quando viram aquelas tres criancinhas, lindas como as coisas mais lindas, ficaram boquiabertos. E disse a moleira para o marido :

—Ai! Se Deus Nosso Senhor me desse leite eu criava estes tres meninos juntamente com o nosso — pois tinham um filhito de poucos menses.

Como tudo era feito e disposto por superior vontade logo a mulhersinha sentiu que teria leite bastante. Ficou muito contente e criou as criancinhas com tantos cuidados e amôr como tinha ao proprio filho.

Com o dinheiro que os meninos traziam no caixotinho, entraram de negociar e os negocios corriam-lhe de tal maneira felizes, que em breve se tornaram tão ricos que era mesmo uma coisa admiravel.

Mas os meninos tinham as estrelas de

oiro na testa e como brilhavam muito, tornando-os demasiadamente conhecidos e expostos aos perigos, arranjarão uns barretinhos para os rapazes e uma touquinha para a menina, prohibido-os de jamais se descobrirem.

Desta maneira viveram muito felizes, chamando pais aos moleiros e irmão ao filho destes, e, na verdade, julgando-os assim.

Não havia ninguem que os não estimasse porque eram a bondade em pessoa.

Quando já tinham doze anos e andavam todos no collegio, o filho do moleiro ia um dia pelo caminho, divertindo-se a atirar pedras a quem passava. Disseram-lhe os principes:

—Mano, não faça isso que é uma coisa muito feia e pode causar alguma desgraça.

O outro, que era rabino, respondeu-lhes:

—Eu não me importo do que dizem, porque os meninos não são meus irmãos.

Não responderam nada, mas, quando passaram pelo collegio da irmã para a levarem para casa, contaram-lhe o que tinha dito o filho do moleiro.

A princeza, que era muito viva, disse-lhes logo que deviam ir perguntar aos pais, pois ue os moleiros como filhos os tinham cria-

do. E foram dali todos tres procurar o moleiro e contar-lhe o caso. Este ficou muito triste, porque os estimava como proprios, mas não teve remedio senão contar-lhes a verdade.

Os principes disseram então que em vista disso, não queriam estar mais tempo a incomodar e iam em procura dos verdadeiros pais.

O moleiro e a mulher ficaram com pena, mas não tiveram remedio senão deixa-los partir. Deram-lhe tres cavalos e muito dinheiro, pois estavam riquissimos com os ganhos que a fortuna dos meninos lhe tinha trazido.

Despediram-se, não sem haver muitas lagrimas de parte a parte, pois até o filho do moleiro estava arrependido e não se consolava de ter sido o causador da separação. Os tres puseram-se em marcha pela primeira estrada com que depararam, a menina no meio e os rapazes um de cada lado. Como eram formosissimos, toda a gente olhava para eles e principalmente para a princeza. Os meninos, não gostando disso, logo que chegaram à primeira cidade resolveram que se vestisse de rapaz, pois iriam assim muito mais á vontade.

Entrajada como um jovem cavaleiro, não se distinguia dos irmãos.

Assim foram andando até que chegaram a uma estalajem á beira duma estrada, nos arrabaldes da florescente capital dum grande reino. Entraram e pediram de comer; depois perguntaram á estalajadeira se não havia ali nenhuma casa que se vendesse.

— Ha, — respondeu a mulhersinha — ha um palacio muito velho, mesmo defronte do palacio real, mas parece-me que é um palacio encantado, porque appareceu dum dia para o outro e ninguem ainda o foi habitar.

— Bom ; nós, que não temos medo, vamos compra-lo.

Foram-no ver, acharam-no muito do seu gosto e deram tudo quanto lhe pediu uma velhinha que logo desapareceu.

Entraram para dentro, viram o que lhes faltava e tornaram logo a sair para comprar tudo que necessitavam para a casa. Mercaram fatos novos para todos tres, assoldadaram criados, fizeram emfim o que era preciso para se instalarem convenientemente. Quando á noite foram ver o dinheiro para saberem com o que podiam contar, acharam-se com o mesmo que tinham antes.

Ficaram admirados, mas nada contrariados, como se pôde supôr.

Já ali viviam havia uns poucos de dias, quando, á janela do palácio real, appareceu uma das tias do meninos, pois quizera a Providencia guiar os passos deles para de frente da casa do pai.

Por descuido tinha a princezinha levantado o véo e os meninos tirado os capacetes que sempre traziam. Quando a tia deu com os olhos em taes belezas, ficou verdadeiramente admirada, e muito desconfiada foi dizer á irmã.

— Ai mana, que vi os nossos sobrinhos!

— Tu não estás em ti, — respondeu a outra — pois ainda imaginas que possam viver?!

— Vi dois meninos e uma menina tão lindos, que não podes fazer ideia, e todos tinham uma estrela de oiro na testa. Quem poderão ser senão eles?

Começaram a teimar: uma dizia que sim, outra dizia que não, e iam-se zangando a valer, até que resolveram ir chamar a feiticeira que as tirasse de duvidas.

Veio a mesma peste que já as tinha ensinado a desembaraçarem-se dos sobrinhos; uma velha feiticeira conhecida pelas suas

maldades e por isso tida em muito má conta por todas as senhoras fadas, genios e outros mais do imenso povo dos espiritos.

Entrou e perguntou o que lhe queriam, e respondeu logo que sim — que eram os filhos do rei aquele tres meninos.

As tias ficaram desesperadas e deram-lhe muito dinheiro e promessa de mais, para que as desembaraçasse novamente das innocentes crianças.

Combinado isto, foi a velha disfarçada em pedinte á porta dos meninos, fazer uma choradeira para que lhe déssem esmola. Depois começou a conversar e a dizer — que aquele palácio era muito velho, mas que lhe tinham dito que possuia um jardim muito bonito, que muito o desejava vêr, se os meninos déssem licença.

As crianças, que não desconfiavam de coisa alguma, porque os bons não veem a maldade dos outros, deixaram-na entrar. Logo que chegou ao jardim, começou a gritar:

— Ai que lindo, que belo jardim! Só lhe falta uma coisa para ser a maravilha do mundo.

— Então o que é, tiasinha?

— Ora! Eu não digo, porque os meninos

não vão busca-la. É muito custoso, não têm coragem!...

Isto dizia para os entusiasmar, porque sabia que é condão da mocidade fazer sempre de valorosa. Por isso os meninos começaram logo a dizer:

— Diga o que nos falta aqui, senão pômo-la fóra e nunca mais lhe daremos nada.

— Pois então sempre digo: falta aqui *a arvore de todos os fructos, a agua de oiro e o passaro que fala.*

— E onde é que existem essas maravilhas?
— perguntou o menino que por sua decisão tomara o lugar de mais velho.

A feiticeira explicou tudo, e, depois de receber uma boa esportula, foi-se embora toda satisfeita receber a paga das tias, pois bem sabia o perigo que os meninos iam correr.

Ficando sós, disseram os dois rapazes:

— Vamos todos buscar aquelas coisas tão lindas, que vão fazer do nosso jardim uma maravilha do mundo?

— Não — respondeu a menina — deve ir só um, porque se lhe acontecer algum perigo ficam dois para o ir procurar.

— Pois então vou eu — disse o primeiro.

— Vai, que nós temos esta bacia ma-

gica; se te acontecer desgraça logo sabemos, porque a agua se turvará e deixaremos de ver as nossas caras.

Bom; o menino vestiu-se como quem ia para longa e difficil viagem, meteu uma garrafinha no bolso, despediu-se dos irmãos, montou a cavallo e partiu.

Andou e fartou-se de andar durante cinco dias e cinco noites, mas só via céu e matos. Estava descoroçoado de tudo, dizendo mal á sua vida e maldizendo a feiticeira, quando ao longe distinguiu uma luzinha. Tomou ânimo e lá foi seguindo até que deparou com uma especie de capela perdida entre serras bravas, tendo á porta um monge de austeras barbas brancas até á cintura.

O menino levou a mão ao gorro e disse cortezmente.

— Deus o guarde meu irmão.

— Deus te guarde, cavaleiro. Podes apear-te que já sei ao que vens.

— O quê, já sabe?!

— Sei que procuras a *arvore de todos os fructos, a fonte de oiro e o passaro que fala*. Oh eterna ilusão humana! Quanto vos cançareis vós, homens de pouco tino, de andar assim a correr perigos e martirios atraz da

felicidade, que só está no socego das vossas consciencias?!

O menino estava espantado daquele discurso, mas o monge, que era um bom espirito protector dos fracos, disse-lhe mais:

— Nenhum dos teus pensamentos nem das tuas acções me é desconhecida, e porque sei que és bom é que te quero salvar dos maleficios da feiticeira que te mandou em busca do impossivel. Entra, dorme e descansa, que ámanhã seguirás o teu destino.

O principezinho desmontou-se e o monge deu-lhe ceia e cama. Ao romper dalva deu-lhe o almoço, e entregando-lhe um novelo de fio disse-lhe:

--Aqui tens este novelo deita-o a correr e onde parar aí é o portão verde que abre ás onze e meia e fecha ao meio dia. Se nessa meia hora tiveres tempo de entrar, encher a tua garrafa, cortar um ramo da arvore de todos os fructos, e saires sem olhar para traz, serás feliz. Senão ficarás feito em pedra marmore, como tantos outros desgraçados que o mesmo caminho têm feito.

O menino despediu-se, deitou o novelo e desatou a correr atraz até que o viu parado junto do portão verde.

Estava a dar meia hora para o meio dia

quando se abriu estrondosamente, mostrando aos olhos maravilhados do visitante o mais encantador dos jardins. A agua de oiro caía de todas as fontes; a arvore procurada, ao meio, vergava ao peso de todos os fructos quantos existem para regalo dos nossos olhos e do nosso paladar. Todo o jardim estava cheio do canto de passarinhos gentis, que voavam alegremente em torno da gaiola, tambem de oiro, onde estava o passaro que fala, como se fosse o rei de todas aquelas maravilhas. Por toda a parte se viam homens feitos em marmore e que só pela imobilidade não pareciam vivos, tão naturaes eram as suas posições.

O menino levou a ver tudo isto mais tempo do que lhe cumpria, e depois foi a correr encher a garrafinha numa das fontes de oiro, e a correr cortou o ramo da arvore, lá a pegar na gaiola quando um sino de oiro deu o meio dia, e logo o principe imprudente, de braços levantados, ficou feito em pedra marmore.

Os outros irmãos lá continuavam em casa e todos os dias iam consultar a bacía magica, até que uma vez, não vendo as suas caras reflectidas na agua turva, ficaram presos da maior angustia, pensando

na desgraça que devia ter acontecido ao irmão.

Ambos queriam ir, mas o segundo menino pediu á irmã que o deixasse partir só, pois se tivesse a mesma triste sorte ainda ficava ela para o procurar e saber do seu fim.

Despediram-se com muitas lagrimas, e ao segundo aconteceu as mesmas coisas que ao primeiro tinham sucedido. Mas, como era menos curioso conseguiu ainda pegar na gaiola e chegar á porta com o ramo da arvore de todos os fructos e a agua de oiro, mas ao chegar á porta de saida tinha terminado a hora, a porta fechou-se com estrondo e ambos ficaram feitos em pedra marmore.

A menina, que todos os dias ia consultar a agua, quando a viu turva ficou muito aflita, mas não perdeu a coragem. Tornou a envolver os fatos de rapaz, que já tinha trocado pelos do seu sexo, montou a cavallo e partiu.

Andou por montes e vales, terras habitadas e terras de desolação, e não descobriu para o fim da sua jornada mais do que céu e matos.

Muito desconsolada, temendo ter-se perdido, andava, andava, sem encontrar vival-

ma a quem procurar caminho. Nisto sentiu o relinchar de cavalos e viu que o seu arrebitava as orelhas com alegria. Ficou mais animada porque pensou que seriam os que os irmãos montavam. Começou a andar naquela direcção até que avistou a mesma longinqua luzinha e à porta da tal capela o mesmíssimo velho monge, que os irmãos tinham visto. Levou a mão ao gorro e disse:

— Guarde-o Deus, irmão.

— Deus vos guarde, linda donzela.

— Donzela, sendo eu um cavaleiro?! Ofendeis-me, Senhor! — e dando um passo atrás levou a mão á cinta onde tinha um bom punhal.

— Sei tanto que és uma joven e formosa en h ora como sei que vens procurar teus irmãos que estão transformados em pedra marmore.

A menina, quando isto ouviu, teve um desgosto tão grande que caíu do cavalo abaixo sem sentidos, mostrando assim que apesar do seu varonil juizo o seu coração era de bondosa mulher.

O monge pegou nela ao colo, deitou-lhe agua na cara e, depois de a ver restabelecida, contou-lhe tudo o que aos irmãos tinha



acontecido, dizendo-lhe o que devia fazer para os salvar.

Ao outro dia, mal o sol apontava, poz-se a pé, pronta a marchar. O monge deu-lhe uma lanceta, uma chavena e uma ligadura, e disse-lhe.

—Aqui tem, minha princeza, estes objectos que lhe são necessarios. Na meia hora em que o portão está aberto, ha de lance-tar-se, ligar a ferida, e, com o sangue que para esta chavena deitar, untar os seus dois irmãos dos pés para a cabeça. Fuja logo com eles, porque já têm na sua mão a agua de oiro, o ramo da arvore de todos os fructos e o passaro que fala.

A menina deitou o novelo e poz-se a correr atraz dele até chegar ao portão verde. Faltavam alguns minutos para as onze e meia e disse com os seus botões : — «Deixame cá ir sangrando que depois posso não ter tempo».

Se melhor o pensou, melhor o fez ; levantou a manga do gibão, enterrou a lanceta, deixou correr o sangue até encher a chicara, e depois ligou o braço com todo o cuidado. Ela a acabar de fazer isto, a meia hora a dar e o portão a abrir-se com grande estrondo. Mal entrou não quiz olhar pa-

ra coisa alguma senão para os dois irmãos que estavam quasi á porta, um com a agua doiro e o ramo da arvore de todos os fructos, outro com a gaiola do passaro que falava. Untou-os com o seu proprio sangue enquanto eles diziam: "Ai, deixa-me deixa-me dormir!"

"Não, não! — respondeu ella — Logo dormem." E com toda a força os puxou para fóra, ao tempo que dava meio dia e a porta se fechava com tanta violencia e pressa que ainda a capa dum dos principes lá ficou presa. Mas isso pouco importava, visto que os tinha ali vivos; com o punhal cortou o pedaço de pano e elles ficaram livres. Imagine-se a alegria dos tres irmãos quando, ao cabo de tantos desgostos, se tornavam a encontrar sãos e salvos!

Passaram por casa do monge, a quem agradeceram os favores que tinham recebido, e partiram para o seu palacio, depois de terem preguntado ao santo monge que deviam fazer dali para o futuro.

Chegaram lá e dirigiram-se immediatamente ao jardim onde enterraram o raminho da arvore. Num grande tanque de marmore, que havia no meio, deitaram a agua de oiro. O passarito tirado da gaiola andava sempre

nó ombro da menina, como fiel companheiro. Despediram os criados e ficaram sósinhos os tres, pois todo o serviço lhes apparecia feito sem saberem como.

Passados oito dias, foram vêr como estava a sua plantação — e ficaram embasbacados, pois o jardim era um verdadeiro paraizo. A arvore tinha crescido como se muitos anos tivessem passado e cheia de fructos de todas as qualidades — só de olha-la se ficava saciado.

O tanque da agua de oiro lançava para o ar o mais bello dos repuxos que brilhavam ao sol como fios de oiro; e passarinhos de mil especies enchiam de encantos divinaes aquele paraizo terreal.

Os meninos chamaram logo um pregoeiro e mandaram-no gritar por toda a cidade: — que ali podia ir quem quizesse vêr a arvore de todos os fructos, a fonte de oiro e o passaro que fala.

Toda a gente correu a ver taes maravilhas e em breve não se falava noutra coisa na cidade e a fama correu para alem das fronteiras.

E todos que lá iam faziam tais espantos, que o rei disse para os seus cortezãos:

— Ora toda a gente vai vêr aquelas coi-

sas extraordinarias, e eu que estou aqui de frente, ainda não fui! Pois heide lá ir hoje.

As duas cunhadas, que eram as malvadas tias dos meninos, cheias de mêdo, quizeram dissuadi-lo, mas o rei teimou e foi por uma porta — travessa, por onde sempre saia para não vêr a mulher.

Muito sobresaltado ficou quando viu os meninos com uns capacetes na cabeça, de maneira a encobrir' a testa, e a menina com um véo; mas não quiz perguntar nada, e tratando-os' muito bem, pediu-lhes para mostrarem o jardim. Assim que lá entraram começou o repuxo a deitar fios de oiro para cima da rei, os passarinhos a cantar cada vez melhor e a arvore a deixar-lhe caír os fructos aos pés. Era mesmo um céu aberto!

Nem o rei se podia tirar dali, tão encantado estava com o que via e principalmente com os tres meninos, que se mostravam muito bons e amaveis! Quando por fim se resolveu a saír, disse o passarinho ao ouvido da menina:

— Convida-o para vir ámanhã jantar contigo.

— Ó passarinho, mas que temos nós que seja proprio para um rei comer?

— Não te apoquentes, convida-o que o resto aparecerá.

A menina convidou o rei, e ele, muito satisfeito, disse logo que sim. Gostara tanto de estar naquela casa, que — dizia ele — mesmo que a comida não prestasse lhe saberia bem.

Ao outro dia foi para lá muito cedo, não se importando do que lhe diziam as cunhadas, que estavam fulas de raiva e tentavam dissuadi-lo com discursos enganosos.

Á hora do jantar foram todos quatro, os meninos e o rei, sentar-se á mēsa, e o passarinho voou para o *centro* a empoleirar-se no ramo de flores raras que o enfeitava. Criados era coisa que se não via, mas a comida era servida com muita prestesa, e tão saborosa como o rei nunca tinha comido. Estava intrigadissimo com tudo quanto via, mas, por delicadesa, nada queria dizer.

Ao fim da noite pediu tambem aos meninos para no dia seguinte irem jantar a casa dele. A menina disse que sim, que iriam, mas com a condição de levarem o seu passarinho, do qual se não podiam separar. O rei respondeu logo: — que tinha muito gosto em lá vêr aquele lindo animal.

Foi para o seu palacio e preveniu as cu-

nhadas que mandassem fazer um bom jantar para o dia seguinte, pois tinha convidado os amáveis meninos. Ficaram logo em ânsias e mandaram chamar a feiticeira que lhes deu um veneno para deitarem na comida que fosse para os sobrinhos.

Ao outro dia levantaram-se os meninos, vestiram-se com o maior esmero, os dois com seus gibões de veludo, calção e meia de seda, ela como princeza poderosa, com seu vestido de rendas e perolas, arrastando larga cauda e diadema nos bonitos cabelos. O passarinho todo contente saltou-lhe para o hombro, e lá foram muito satisfeitos.

A' entrada do palacio veiu um guarda entregar-lhes uma chibata para darem na senhora que estava á porta principal, enterrada até á cintura, recebendo aquella desfeita de toda a gente que entrava e saía, que por maldade ainda lhe cuspia e enchia de insultos.

Apezar dos tres meninos não saberem que era a sua propria mãe, recusaram fazer tal coisa, dizendo que se iam embora se os quizessem obrigar a fazer uma acção repugnante ás suas consciencias.

O rei, ouvindo barulho, mandou saber o que era e, como lhe dissessem que os seus

hospedes não queriam entrar senão com a condição de não tocarem na desgraçada senhora, ordenou que os deixassem passar. Quando ela os viu desatou a chorar, e, sem que ninguém lho dissesse, convenceu-se que eram os seus queridos filhinhos aquelas tres lindas crianças.

Chegou a hora do jantar, sentaram-se á mēsa, mas os meninos não comiam nada, porque o passarinho meteu a cabeça entre as asas e logo viram que não deviam tocar em coisa alguma.

O rei perguntou-lhes porque não comiam se não gostavam da comida. Responderam que não comiam porque o seu passarinho não mandava. Perguntou então ao passarinho porque não deixava comer os meninos e ele respondeu logo:

— Não deixo, porque a comida está cheia de veneno, e eu estou aquí para os proteger e não para os ver morrer.

— Que venha outra comida! — ordenou logo o rei.

As cunhadas foram lá dentro e, se a primeira trazia veneno, a segunda então nem se fala.

— Ó passarinho, os meninos agora não podem comer?

— Não, porque esta ainda tem mais veneno do que a primeira.

— Pois então hão-de comer do meu jantar e não haverá perigo.

— Mas não o faremos enquanto Vossa Magestade não mandar buscar para a mēsa aquela mulher que lá está em baixo — responderam os meninos.

— Ah! isso é que não pode ser, porque está sofrendo o castigo de me ter enganado.

— Pois então vamos-nos embora.

Iam-se já a levantar da mesa, mas o rei, que os estimava muito, não consentiu tal e mandou desenterrar a mulher, o que causou o espanto de toda a côrte.

Qual não foi porem a admiração de todos, vendo-a sair da terra tão bem vestida e limpa como no dia e hora em que tinha sido enterrada! Na sua cova nasceu uma fonte de pura agua e um rosal a dar rosas que tudo perfumavam.

Mal chegou á sala de jantar, entre as exclamações daqueles que durante tantos anos a tinham injuriado, os tres meninos levantaram-se e tiraram os capacetes e o véu, aparecendo mais formosos do que tres anjos, com as suas estrelas de oiro na testa.

Foram imediatamente reconhecidos pelos pais, que não cabiam em si de felicidade. O passarinho contou tudo que se tinha passado, e o rei, desesperado com a malvadez das cunhadas, mandou-as logo prender e condenar á morte. Mas as maldosas, sabendo o que mereciam, por suas proprias mãos se castigaram, pois já se tinham deitado ao mar. A feiticeira foi encarcerada para toda a vida, e o moleiro, a mulher e o filho chamados ao palacio e cumulados de honras e mercês.

O rei pediu muito perdão á rainha, que tudo perdoou de boa mente—porque a felicidade não recorda maguas.

O passarinho e o palacio dos meninos desapareceram por encanto, pois por encanto fôra tudo feito para se salvarem aqueles innocentes.

Foram muito felizes na companhia dos pais casaram mais tarde com grandes princezas e a menina com um valoroso rei aliado e viveram largos e venturosos dias.



O ESPERTO

ERA uma vez um carvoeiro muito pobre que vivia com sua mulher e sete filhos numa cabana no meio de um bosque.

O trabalho era muito e os lucros tão poucos, que eles não sabiam o que haviam de fazer á sua vida. Cortava-lhes o coração a vista das sete crianças, quasi sem fato para se precaverem contra os rigores do inverno mal tendo um bocado de pão para comerem em toda a roda do ano.

Uma noite, em que estavam descoroçados de todo, sentaram-se á lareira — pois

lenha em abundancia tinham eles no bosque, o caso era cortá-la e trazê-la para casa — lamentando a sua triste vida. Tinha mandado deitar os filhos, porque à falta de alimento mais substancial o sono tambem é sustento, e puzeram-se a conversar na sua grande miseria.

“Mulher — dizia o carvoeiro — isto assim não póde continuar; nós que temos tanto amôr aos nossos filhinhos, não podemos vê-los aqui morrer de fome e frio; melhor é leva-los para a expessura do bosque e deixá-los lá, para que se percam. Se os animais selvagens ou qualquer mau genio os comerem não vê a gente essa desgraça — sempre é melhor do que morrerem de fome diante de nós — e se poderem fugir talvez ainda possam ser felizes.

A carvoeira chorava muito e não podia convencer-se de que o marido tivesse razão, mas emfim não houve remedio senão resignar-se, pois que por mais que rebuscasse, não encontrava na arca nem migalha de pão negro que lhes desse no dia seguinte.

Combinaram que levariam os filhos para muito longe e por caminhos desviados, de maneira que se perdessem e não podessem mais voltar á miseria daquela casa.

Ora o filho mais novo era tão inteligente que até, por zlcunha, lhe chamavam o *Esperto*. Coisas que ele pensava e fazia não lembravam a mais nenhuma criança da sua idade. Mais parecia um homem de muito tino do que um pequenino e ignorante filho de carvoeiros.

Como os pais os tinham mandado deitar mais cedo, para á vontade conversarem, os pequenos pegaram logo no sonho e não deram conta de coisa alguma. Mas o *Esperto*, que dormia pouco, como toda a gente que o é, ouviu tudo e levou o resto da noite a pensar o que devia fazer no dia seguinte para não ser abandonado, pois assim mesmo pobre antes queria viver com os pais.

De manhã, ainda o sol não apparecêra no oriente a doirar o céu, e já os pais estavam a chamar as crianças — o carvoeiro, com o machado ás costas para cortar a lenha, a mulher com as cordas para atar os molhos. Os pequenos levantaram-se logo e seguiram atrás, levados por caminhos que só pareciam trilhados por gamos e outros animais que habitam os cerrados bosques.

Admiravam-se muito mas não desconfiando de nada, iam indo, contentes de aprenderem novos atalhos para quando viessem

soinhos ao medronhos. O *Esperto* é que, atrás de todos, reparava para o caminho, e, tendo-se prevenido ao passar um ribeiro com grande quantidade de seixos brancos, ia-os semeando por onde passava.

Trabalharam todo o dia, e, quando chegou a tardinha, o carvoeiro e a mulher deixaram os filhos entretidos a comer pinhões e fugiram.

Quando repararam que estavam sós era já noite escura. Desataram a correr, mas quanto mais andavam mais se enredavam no bosque que enchiam com os seus gritos e prantos de aflição. Tranzidos de susto por só responderem ás suas vozes as vozes medonhas dos animais selvagens, nem forças tinham para se conservarem em pé.

O *Esperto* é que não perdeu o seu tempo em lamentos; tratou de subir a uma arvore para se orientar, e, como nesse momento a lua cheia viesse, iluminando tudo, logo descobriu o caminho de seixos brancos que espalhara, quando viera de manhã.

Chamou os irmãos, contou-lhes o que se tinha passado, e, pondo-se na frente do rancho, lá os levou até á porta de casa.

Chegados ahi, não se atreveram a entrar com medo de que os pais se zangassem com

eles, e sentaram-se na soleira da porta á es-
cuta. Dahi a pouco ouviram os pais, que
choravam muito, lamentando a sua falta,
porque logo nessa noite, ao chegarem a ca-
sa, tinham podido fazer uma venda de car-
vão que lhes assegurava o sustento por
alguns dias, ainda que estivessem todos
juntos.

Dizia a carvoeira, lavada em lagrimas :

— Quem me dirá onde estão os meus fi-
lhinhos? Se algum gigante ou lobishomem
os terá apanhado!?. . . Quem sabe se al-
gum lobo ou outro qualquer animal feroz
os terá devorado!? Vê lá tu que desgraça a
nossa, logo hoje, que tínhamos ceia para
lhes dar, é que fomos abandonar os nossos
ricos filhos! Quem mos dera ver!

— Também eu os abraçaria com grande ale-
gria, se os visse agora, respondeu o marido.

Os rapazes, que estavam á espreita, mal
isto ouviram entraram pela porta dentro, e
foi um nunca acabar de beijos e abraços.

Passado tempo, o dinheiro começou ou-
tra vez a escassear, e os tristes pais, para
não verem os filhos morrer de fome, de no-
vo resolverem leva-los para o bosque e
deixa-los lá.

Como da primeira vez, o *Esperto* tinha

ouvido tudo e resolvido lá de si para si fazer o mesmo que fizera.

Mas os pais levaram-nos por outras verdades ainda mais desconhecidas e emaranhadas, de maneira que, não passando pelo ribeiro, não poudes apanhar os seixos para se guiar e teve de se contentar em ir espalhando bocadinhos do pão que tinham dado para todos se alimentarem.

Ao cahir da tarde, os pais deixaram-nos entretidos e fugiram. Quando os rapazes deram por isso, romperam todos em tal alarido que já nem se entendiam, enquanto o *Esperto* se afastava e tratava de procurar o seu caminho.

Mas quê!?, as avezinhas do céu, não sabendo o mal que iam fazer áqueles abandonados, tinham comido as migalhas de pão que o rapazito semeára por todo o caminho, de fórma que ele não descobria já signal do do que trouxera!

Não havia meio de se orientar, e ainda mais porque as nuvens cobriam a bela face da lua deixando o bosque escuro como breu. O rugido dos leões, os uivôs dos lobos, e as mais vozes dos animais bravios, era só o que os sete pequenos ouviam—pode-se bem calcular que era para os fazer morrer de susto!

O *Esperto* nem assim perdeu a coragem, subiu acima duma grande arvore, e, vendo ao longe uma luzinha, gritou para os irmãos que se animassem, que havia signal de vida.

Mal ouviram isto as lagrimas convertiram-se-lhes em esperançosos risos, e os rapazes quizeram todos trepar á arvore para se convencerem de que o irmão mais novo se não enganava. Ele é que tomou todo o sentido na direcção da luz, desceu e fez descer os irmãos e depois de muitas voltas e reviravoltas conseguiu guiar a caravana até uma clareira do bosque onde uma grande casa estava toda iluminada.

Doidos de alegria bateram á porta para pedirem agasalho e ceia, pois estavam mortinhos de fome. Apareceu uma velha, que perguntou o que queriam. Respondeu logo o *Esperto*:

— Nós perdêmo-nos no bosque, quando andavamos com nossos pais á lenha, e desejavamos que nos desse alguma coisinha de comer e nos deixasse dormir ahí para um canto.

— Ai, meus meninos, eu de boa vontade os deixaria ficar se não temesse o meu marido, que é um grande gigante, um terrível *Olharapo*, que só gosta de carne humana,

principalmente sendo de crianças. Se aqui os encontrar podem ter a certeza que os comerá logo.

— Pois sim, — respondeu o *Esperto* — mas vocemecê podia esconder-nos num cantinho; olhe que nós se vamos para o bosque também os bichos nos comem.

-- Eu não os posso esconder, ainda que queira, porque o meu homem tem só um olho na testa e dois na cabeça que tudo vêem ao mesmo tempo.

— Enfim, tiasinha, se nós temos de ser comidos, antes vamos para o outro mundo com o estomago cheio.

Em vista disto, a velha deixou-os entrar para a cosinha, onde um enorme boi posto no espeto era assado todo inteiro. Deu de comer aos sete rapazes e depois foi-os deitar na cama, onde estavam as filhas, que também eram sete pequenas feiticeiras já com os dentes afiados para saborear carne humana.

Os rapazes, como tinham comido bem, fóra do seu costume, e estavam moidos da caminhada caíram na cama como pedras em poço. Só o *Esperto*, de ouvido á escuta, nem sequer pensava em dormir.

Lá pela noite velha sente fóra um grande

barulho, como se um forte furacão sacudisse as arvores da floresta; depois baterem á porta com severa auctoridade, e logo toda a casa estremeceu com o vozeirão dum gigante tremendo, destes chamados *olharapos*, que tudo vêem, e são temidos por todos porque o seu sustento mais apreciado é a carne humana, principalmente a carninha tenra das crianças.

—Cheira-me aqui a carne humana! Tens cá algum petisco para a ceia? — gritou o monstro para a mulher, farejando todos os cantos.

—Estão ali sete pequenos que vieram pedir pousada e eu deitei-os com as nossas filhas. Coitadinhos, são tão bonitos que é uma dôr de alma matá-los.

—Tu és doida, mulher; deixa-mos cá vêr que eu te direi para onde eles vão dormir amanhã!

O terrível *Olharapo* pegou numa luz e foi á cama das filhas onde os pequenos hospedes tambem estavam deitados. Imaginem como o *Esperto* teria o coraçãozinho quando fingia dormir tão socegadamente como os outros irmãos!

O gigante apalpou-os um por um, e depois disse a rir, num riso que arrepiava:

—É pena estarem tão magros, mas mesmo assim servem para desenfasiar.

Pegou em sete carapuças e pô-las na cabeça dos rapazes, para de noite, mesmo ás escuras, saber distingui-los das filhas e podê-los comer mesmo crús, como era muito do seu gosto.

Depois foi cear, e pode bem imaginar-se como ficaria se dissermos que o boi que estava no espeto lhe passou todo para o estomago, assim como uma pipa de vinho do melhor. Dahi a pouco deitou-se e começou a resonar de tal forma que parecia uma trovoadá.

O *Esperto* levantou-se pé, ante pé, tirou as carapuças da cabeça dos irmãos e da sua, e com todo o geito as enterrou nas cabeças das sete pequenas *olharapas*, filhas do monstro.

Dahi a pouco acordou ele já com fome e mesmo ás escuras apalpou as cabeças das crianças; áquelas que sentia de carapuça era um instante enquanto lhes torcia o pescoço e as tragava como se fossem rebuçados. Depois tóca, novo sono reparador.

O nosso *Esperto*, que isto viu e de maneira nenhuma queria desmentir o seu nome, mesmo porque não é nada agradável

mudar a sua residencia para o estomago dum gigante, tratou de chamar os irmãos e com todas as cautelas se puzeram na rua.

Mal começava a apontar o dia: ainda assim havia já bastante claridade para se orientarem.

Com o medo com que estavam, os sete rapazes, depressa acharam caminho direito para fugir, na primeira estrada que lhes appareceu.

Ora a mulher do gigante, quando de manhã ia vestir as filhas e as não encontrou, começou em altos gritos a clamar que o marido as tinha morto para comer. Ele, que apesar de mau era pai, enfureceu-se muitissimo e protestou vingar-se dos atrevidos rapazes. Calçou as suas botas de sete leguas, umas botas magicas que tinha e que andavam sete leguas de cada passo que dava, saiu pela porta fora e ei-lo aí vai por monte e vales em busca dos pequenos.

O *Esperto*, que o viu ao longe, chamou os irmãos e aninharam-se todos na toca dum castanheiro fazendo-se pequeninos como ratinhos, para passarem despercebidos. O gigante, que dava passos de sete leguas e era tão alto como uma torre, passou por cima dele sem os vêr — perigos são estes muito

frequentes em quem anda muito alto e não repara para o que lhe fica debaixo dos pés.

Os sete rapazes, satisfeitíssimos por se verem livres daquela, foram andando, andando, até chegarem a uma grande e formosa cidade, capital do maior país que então existia — que isto de países são como as pessoas, envelhecem e morrem quando lhes chega a sua vez.

Os irmãos, com o *Esperto* sempre na frente, foram ao palácio do rei e ofereceram-se para o servir. Da melhor vontade foram aceites, mas logo de principio o monarca começou a distinguir o *Esperto* entre todos. Fê-lo seu pagem, perguntou-lhe a sua historia, deu-lhe emfim todas as provas da maior simpatia.

Começaram os irmãos a embirrar com esta distinção, e, sem se lembrarem de que lhe deviam a vida, não faziam senão dizer mal dele e maquinar a sua perdição.

Um dia juntaram-se todos e combinaram ir dizer ao rei: — que o irmão dissera ser capaz de ir roubar ao gigante *Olharapo* as botas de sete leguas.

O rei chamou o rapaz e disse-lhe: — que havia de fazer o que prometêra.

Bem se fartou de dizer que tal coisa nem a dissera nem sequer a pensára; não o acreditaram e o remedio foi pôr os pés ao caminho e entregar-se a Deus e á sua boa fortuna.

Era noite fechada quando chegou a casa do terrivel gigante, que era o espanto e o pavôr de toda a região. Bateu á porta, e logo a mulher o conheceu, dizendo com muito máu modo:

— O que vens tu cá fazer, meu grande atrevido? Pois tu não sabes que fostes o causador das minhas meninas serem mortas pelo proprio pai?!

— Ai minha rica senhora, — respondeu — sou tão desgraçado que tive de passar por aqui, e encontrei logo seu marido que me agarrou e me mandou cá buscar as botas de sete leguas, porque tem um passeio a fazer, e depois que voltasse e o esperasse porque me hade matar para a ceia.

— Olha que é bem feito! Eu não gosto que o meu marido coma gente, mas a ti acho que faz bem, pelo mal que às nossas filhas fizeste.

— Que remedio ha senão resignar-me! Emfim, dê-me cá as botas que eu já volto.

— A mulher caíu na tolice de lhe dar as botas, e o *Esperito* logo que se apanhou com

elas nos pés — pois como eram mágicas serviam a todos e cresciam ou diminuíam conforme os pés que as calçavam — foi um momento enquanto desapareceu.

Quando o gigante chegou a casa e soube do acontecido, ainda quiz correr atrás do petiz; mas o que podia fazer sem as suas ricas botas? Teve que se resignar, urrando de furia.

Quando os irmãos o viram chegar triunfante, com as botas, e o rei abraçá-lo chamando-lhe filho e fazendo-lhe todas as honras, mais desesperados ficaram.

Passado algum tempo tornaram a intrigá-lo, dizendo: — que o *Esperto* se gabára de ser capaz de ir roubar o papagaio maravilhoso, por dizer coisas acertadas e adivinhar o futuro, que possuía o gigante *Olharapo*.

O rei chamou-o e disse-lhe que tinha de fazer o que prometêra. Ele, mais forte por ter saído bem da primeira, calçou as suas botas e marchou.

Quando chegou ao pé da casa do gigante tremeu de susto, apesar de muito corajoso. É que o sol abrasador de um dia de verão tinha feito recolher a casa o *Olharapo*, que dormia a sesta abalando a terra com o seu re-

sonar. Na floresta os passarinhos fugiam apavorados e os animais selvagens respondiam com uivos e rugidos áquele barulho infernal.

O *Esperto* foi para debaixo da varanda onde estava o passaro e disse a meia voz:

— Ó papagaio, queres vir para uma casa onde te darão muito arroz e muita coisa boa?

— Não quero, que o meu amo tambem me trata bem.

E gritou para dentro:

— Ó sr. gigante, venha cá ver o *Esperto* que me quer roubar, venha depressa!

O rapaz deu um passo atraz e ficou imediatamente a sete leguas de distancia, escondido na maior espessura da floresta.

O gigante saltou fóra, e, como não visse o inimigo, imaginou que o papagaio estivera a mangar e deu-lhe pancada.

Mal o *Esperto* lhe sentiu o roncar de dorminhoco, tornou a ir para debaixo da varanda, dizendo:

— Ó papagaio, queres vir para uma casa onde te darão muitas coisinhas boas?

O passaro, que estava escandalisado por o dôno lhe ter batido, respondeu logo:

— Sim senhor, quero ir contigo, e de hoje

para o futuro só tu serás o meu amo, pois que me bateram por dizer a verdade.

O pequeno, muito contente, levou-o ao rei, que achou muita graça ao animalzinho, e o pôz no seu quarto, entretendo-se a ouvi-lo dizer tudo quanto se passava na sua propria côrte, e que os reis são sempre os últimos a saber.

Passado pouco tempo, tornam os irmãos a inventar: — que o *Esperto* dissera ser capaz de ir buscar a coberta de campainha que tinha o *Olharapo*.

O rei ordenou que fosse e ele não muito contente com a aventura, que era deveras difficil, lá foi. Mas quem tem coragem verdadeira nunca mostra temôr, por isso se mostrou alegre e resoluto.

Chegou a casa do gigante e achando a porta aberta e ninguem dentro, entrou muito de mansinho e foi-se meter debaixo da cama do gigante.

Esperou que ele voltasse e ceasse com o apetite do costume, e, quando o viu bem pegado no sono, zás!, deu um puxão á coberta. Acordou o *Olharapo* todo zangado com a mulher, dizendo:

— Para que estás tu a puxar pela coberta, que me não deixas dormir?!

— Ó homem, eu não puxei por ela; dorme, dorme, que isso é sonho.

Dahi a bocado outra vez adormecido, e o *Esperto* zás!, outro puxão. O gigante desesperou-se e estava já para bater na mulher cuidando que era ela que o não queria deixar dormir, quando ela se lembrou:

— Queres tu ver que é o *Esperto* que nós quer roubar a nossa segurança?!

— Se fôr ele, hade pagar tudo que nos tem feito.

Acendeu a luz e viu a um cantinho o pobre pequeno, mais aflito do que um passarinho apanhado na rêde.

O gigante, só com um dedo, tirou-o cá para fóra, e pegando nele como se fosse um* pardal, disse-lhe:

— Deixe você estar, seu *Esperto*, que a mêsa do rei já lhe deu boa gordura... Vae amanhã servir para fazermos um jantar ao meu compadre gigante, que vive do outro lado da floresta.

Atou-o de pés e mãos, fechou a porta á chave, e meteu-a no bolso. Depois foi-se deitar socegradamente e não tardou em adormecer. O *Esperto* é que não pregou olho durante toda a noite, a pensar na maneira de se livrar daquela ratoeira.

O gigante levantou-se cedo e disse para a mulher que puzesse ao lume uma panela



com agua a ferver, que era para cosinhar o rapaz, enquanto ia de caminho buscar o

que faltava para o banquete e convidar o compadre. Mas, como era brutinho, porque é raro que o tamanho da pessoa corresponda à intelligencia, não tirou as botas ao rapazito e demorou-se muito tempo a fazer os mandados.

A mulher, tratando de cumprir as ordens do marido, foi buscar lenha, e estava a parti-la com difficuldade, quando o *Esperto* lhe diz:

— Se quiser ajudo-a a rachar esses cavacos. Apesar de ir morrer sou serviçal e gosto de fazer favores.

— Como hasde tu fazer isso?

— Desate-me os braços que eu posso trabalhar bem assim.

A mulher, que morria por não fazer nada, como muitas que nós sabemos, entregou-lhe logo o machado e a lenha.

O *Esperto*, mal se viu senhor dos braços, deu tal pancada na cabeça da mulhersinha que a deixou morta. Depois cortou as cordas dos pés, pegou no cadaver e meteu-o na panela que lhe era destinada, ateou o fogo, pegou na coberta de campainhas, e saiu para fóra, escondendo-se atraz duma arvore para observar o que se ia passar.

Horas depois vieram os gigantes, muito alegres, de braço dado, bateram á porta, e,

como ninguem respondesse, entraram resmungando.

O dono da casa chamou a mulher, a qual, é claro, não deu signal de si.

— Naturalmente foi á fonte; vamos nós comer cá o nosso *Esperto*, que deve estar gostoso.

Foi descobrir a panela, e, vendo a mulher em lugar do petiz, ficou de boca aberta.

— Ai o maldito, que ainda desta vez me enganou! — disse raivoso.

— Agora o que se hade fazer? — perguntou o outro.

— Então, come-se esta, já que não ha carne mais tenra — respondeu o *Olharapo*.

Então o *Esperto* juntou muito mato seco em roda da casa, deitou-lhe fogo e fugiu.

Assim morreram miseravelmente aqueles dois monstros, que eram o terror do país.

O *Esperto* levou a cobertura das campainhas ao rei, que ficou tão contente que o queria fazer seu herdeiro. Mas o nosso heroe, que mais apreciava a sua liberdade, tratou de se despedir para ir correr mundo. Todo o dinheiro que o rei lhe deu mandou-o aos pais, que tiveram uma velhice socegada.

Perdoou aos irmãos, que estavam verdadeiramente arrependidos de todo o mal que

lhe tinham querido fazer, e foi viajar para ver o que se passava por esse mundo de Cristo.

Com as suas botas de sete leguas, correu as Sete Partidas e fez um *figurão* por todo o mundo. Prestava relevantes serviços aos que tinham familia e amigos ausentes, que o encarregavam de levar e trazer noticias. Quando se declarava alguma guerra, partia imediatamente para lá, e era ele, com as suas botas maravilhosas, quem fazia as vezes dos correios, jornais e telegrafos, que então não existiam ainda.

E assim viveu, feliz como poucos.



A MÃO DE FINADO

HAVIA uma vez um rico mercador que tinha tres filhas.

Eram todas muito boas meninas, mas nenhuma como a mais nova—inteligente e animosa, ali chegava!

Viviam numa bela casa ricamente mobiliada e cheia de coisas de valor, mas como era um tanto afastada do povoado, o pai, quando saía, tinha o cuidado em recomendar ás filhas a maior discrição no seu modo de proceder e toda a cautela em não abrirem a porta a gente desconhecida.

Como tinha fama de ser um negociante abastado e ter grandes valores em casa, mais cuidado ainda era preciso.

Um dia, em que teve de fazer uma viagem de grande urgencia para os seus negocios, disse para as filhas:

— Meninas, enquanto eu estiver ausente não abram a porta senão a pessoa que traga um bilhete meu ou seja das nossas relações.

As tres irmãs prometeram cumprir as suas ordens e o pai foi descansado.

Logo no outro dia bateu á porta a pedir esmola e agasalho para a noite, um velho mendigo com uma cara muito esquisita.

As meninas mais velhas, que eram parolieras e estavam aborrecidas de não terem com quem falar, mostraram grande pena do homem, deram-lhe boa esmola e disseram que podia vir á noite, que o deixariam dormir em algum canto.

A mais nova não disse nada diante do pedinte, mas quando se foi embora advertiu as irmãs, insistindo em que andavam muito mal dando pousada a um estranho, contra as expressas ordens do pai. As outras zangaram-se, chamaram-na "menina sem coração," e, como mais velhas, fizeram-na calar.

Não quiz dizer mais nada e esperou pela



noite para ver em que parava aquella aventura, que não lhe parecia bôa.

Já era um pouco tarde quando sentiram bater á porta e o homem dizer de fóra: — que abrissem, que estava ali o póbresinho.

A mais nova ainda se quiz opôr, mas as irmãs teimaram e não teve remedio senão calar-se.

Abriram a porta, houve conversa animada, foram-lhe fazer a cama e depois cearam todos juntos. Se as irmãs mais velhas tratavam bem o hospede, a terceira então nem se fala! Com todas as delicadezas, não se cansava de deitar vinho no copo do homem a ver se o embriagava, mas ele sabia muito bem o que fazia e não se deixava cair por tolo. No fim da ceia, puxou de tres maçãs dormideiras e ofereceu-as ás meninas, para a sobremesa. As mais velhas comeram e gostaram; a mais nova simulou o mesmo, mas escondeu a sua no bolso sem que o homem percebesse.

Quando chegou a hora de se recolherem, as duas meninas caíram num sono peza-dissimo, emquanto que a outra fingia fazer o mesmo. Mas bem longe estava o sonho dos seus olhos!

Quando o pobre as julgou bem adormecidas, entrou-lhes no quarto, e puxando dum alfinete real enterrou-o no braço da primeira, para experimentar a força do narcótico que lhes dera. Ela nem estremeceu. Foi á segunda, o mesmo. Chegou junto da mais novinha, que estava acordada, mas tanta era a força da sua vontade que se deixou picar sem soltar um ai.

O homem, que era um malvado capitão de ladrões, que infestavam aquelas redondezas, foi buscar uma espada, uma pistola e uma mão de finado e pôz tudo em cima da mesa; depois deitou fogo á mão de finado, para as meninas ficarem ainda mais pegadas no sonho, e tratou de enfardar quanto encontrou e lhe pareceu de valor.

Quando a menina mais nova o sentiu sair á rua, para chamar o resto da quadrilha, levantou-se como um raio e trancou e aferrolhou as portas por dentro.

O ladrão voltou-se logo, e violentemente começou aos empurrões á porta, gritando furioso:

— Foi a mais novinha que me enganou, que não comeu a maçã dormideira; mas deixa estar que hasde pagar tudo junto!

A menina não respondia nada, conten-

tando-se em arrastar para junto da porta todos os moveis com que podia, para maior segurança.

Já desenganado de que assim nada conseguia, disse por fim o ladrão: — que se ia embora com a quadrilha mas que lhe desse primeiro a mão de finado que acendêra no quarto.

Respondeu-lhe a menina com todo o sangue-frio: — que a mão estava em labareda e não lhe podia pegar.

O maroto, que não tinha vergonha mesmo nenhuma teve o atrevimento de lhe dizer que a metesse em vinagre e lha trouxesse, porque se apagaria logo, mas o que queria era ver a porta aberta para entrar.

A menina foi ao quarto, mas, em logar de pegar na mão de finado, trouxe a espada que o ladrão lá deixára e veio dizer-lhe:

— Aqui está o que quer.

— Abra a porta e dê-ma.

— Isso é que não!

— Não saio daqui sem m'a dar!

Ora a porta tinha um buraco redondo, a que chamam *gateiras*, que é para os gatos entrarem e sahirem livremente sem encomodarem os dônos.

E respondeu-lhe a ajuisada moça:



— Meta o senhor a sua mão pela *gateira*, que eu lhe entrego o que é seu.

O homem caiu no logro, meteu a mão para receber o que pedira, e vai a menina com a espada, zás!, dum só golpe lha cortou.

Os ladrões ficaram desesperados, mas como ia a amanhecer, e o sol não se presta, como a noite, a ser capa de ladrões, trataram de se ir embora levando o capitão muito ferido e cheio de raiva, fazendo mil protestos de vingança.

Logo que a menina os sentiu fugir, foi ao quarto das irmãs e apagou a mão de finado com vinagre. Imediatamente as duas levianas se começaram a mexer e acordaram. Contou então o perigo em que se vira, mostrou-lhes os fardos que o ladrão tinha feito e como tudo estava já preparado para as desgraçar. As duas imprudentes choraram muito e, ainda que fóra de tempo, não foi pequeno o seu susto, pedindo muito á irmã que nada dissesse ao pai. Ela prometeu e cumpriu, apesar de lhe parecer mais prudente tudo confessar para o precaver.

Passado tempo, já este caso tinha cahido no esquecimento, vêem chegar á casa fronteira muitos criados, carruagens, cavalos e

mobilia digna da moradia dum príncipe. Quando tudo estava preparado, veio o d'ôno, que era nem mais nem menos que o capitão de ladrões, que mandára fazer de ferro a mão que a menina lhe cortára e a trazia sempre calçada com fina luva.

Começou a entabolar relações de amizade com o mercador, e um dia em que este o convidou para jantar, aceitou com todo o gosto, e no fim pediu a mão da menina mais nova.

O mercador ficou satisfeitíssimo por ver a filha pretendida por um tão nobre e rico cavalheiro, e disse logo que sim. Mas a intelligente rapariga é que não esteve pelo dito, e, cheia de desconfiança, respondeu :

— Pois eu não quero casar com este senhor; só se me levarem de rastos.

O visinho ficou despeitadíssimo, e disse :— que então casaria com a mais velha.

Esta aceitou com as mãos ambas, pois o noivo não se cansava de lhe dar presentes, o que não admira, visto o pouco que o dinheiro lhe custava a ganhar.

Chegado o dia do casamento, que foi feito com toda a pompa, participou ao pai que levava a mulher para um palácio que tinha, afastado da cidade. Despediram-se com mui-

ta festa, subiram para a carruagem e partiram. No meio do caminho apeou-se o noivo, mandou apear a senhora e disse ao cocheiro que voltasse para traz, que eles seguiam a pé. Assim que a quadrilha os avistou, correram a fazer os seus cumprimentos e ofertas á mulher do seu chefe.

Entraram em casa, que era um verdadeiro palacio, pela luxo e riqueza com que era mobilado, e o marido disse para a mulher que tudo aquilo lhe pertencia, julgando se muito feliz em que uma donzela tão formosa o tivesse afeito para esposo.

Passaram-se os dias na maior harmonia e felicidade, até que ele veio dizer que tinha de sahir para uma longa jornada e então que era melhor escrever cartas ás suas duas irmãs para que a viessem acompanhar durante a sua ausencia. Ela ficou muito contente, porque já estava um pouco aborrecida de se ver sempre rodeada de homens, que ainda assim não supunha que fossem bandidos, e tinha saudades das irmãs. Escreveu-lhes a cada uma por sua vez, e entregou as cartas ao marido, que em paga lhe deu um mólho de chaves, dizendo:

— Podes andar por toda a casa, ver todos os quartos, mas prohibo-te expressamente

que vás a este, de que te quero entregar a chave de oiro.

Ora, mal se apanhou só foi logo ao quarto da chave misteriosa, e qual não foi o seu espanto e terror vendo-o todo cheio de sangue e de cadaveres! Fugiu dali como doida e quando quiz fechar a porta viu que a chave se tinha tingido de sangue. Foi lava-la em mil aguas, mas quanto mais esfregava mais vermelha se tornava a nodoa. Sem saber o que fazer á sua triste vida, quiz esconder a prova da sua desobediência, mas o marido veio nesse instante e logo lhe perguntou pela chave. Desconfiou do que fizera, e, cheio de furor a levou para o tal quarto matando-a sem piedade.

Foi então com a carta da mulher a casa do sogro e pediu para a cunhada mais nova ir acompanhar a irmã. Respondeu que não ia, que tinha muito que fazer em casa e não deixava o seu querido pai. Se a irmã tinha saudades que viesse visita-los; de maneira que não teve remedio senão entregar a carta á segunda, que o seguiu sem desconfiança.

Quando chegou ao palacio tratou-a muito bem, mas logo lhe disse que a irmã morrerá. Toda a quadrilha a veio cumprimentar

como cunhada do chefe, e ela estava satisfeita afinal, porque nada lhe faltava ali. Depois deu-lhe um anel de ouro dizendo: — que podia percorrer toda a casa, abrir todas as portas menos a do quarto fechado com a chave de ouro, porque era o das riquezas.

Como a primeira, logo que se apanhou só, foi toda lépida abrir a porta, e, como a primeira, também ia morrendo de susto ao ver a quantidade de cadáveres que ali se amontoavam. Depois olhou para o anel e viu-o tinto de sangue. Chorou, fartou-se de chorar, mas quê?! O mal estava feito e nenhum remédio havia a dar-lhe. Ainda contou com a piedade do cunhado, mas andou mal, porque era inclemente como todos os malvados. Quando chegou e deu com o anel tinto de sangue, levou-a para o quarto dos mortos e barbaramente lhe tirou a vida.

Depois, foi outra vez a casa do mercador, entregou a carta que tinha guardada e pediu muito á menina mais nova que fosse, porque a irmã estava alguma coisa doente. Não estava muito resolvida, mas, em vista da mentira que arranjou, sempre se resolveu a segui-lo. Encomendou-se a todos os santos do Paraizo e lá foi com o cunhado, de quem o coração lhe agourava muito mal.

No meio do caminho apearam-se e mandou o carro para traz, como fizera das outras vezes, que era para o cocheiro não saber para onde se dirigiam, e depois de andarem bastante tempo a pé, parou, descalçou a luva, e disse-lhe:

— A menina sabe quem fez isto?

— Não — respondeu — não sei!

E comsigo murmurou a pobre: — Bem me diziã o coração! Desta vez estou perdida.

— Ah! a menina não se lembra do que fez? Pois lembro-me eu. As suas irmãs já pagaram e agora será a sua vez.

— As minhas irmãs pagaram por tolas; se ouvissem os meus conselhos nada tinhamos a sofrer.

Chegaram a casa e toda a quadrilha os veio esperar, apresentando-lhe o capitão a menina como sua irmã. Ao outro dia deitou-lhe ao pescoço uma pera de ouro e disse-lhe:

— Pode ir a todos os quartos deste palacio e usar tudo como seu, mas proíbo-a expressamente de entrar neste, de que lhe entrego a chave.

Assim que o ladrão voltou as costas, tirou a pera de ouro do pescoço e foi ao quarto dos

mortos; não se atarantou como as irmãs, porque já sabia com quem estava metida e contava com o peor. Mas quando viu tantos cadaveres ferozmente mutilados, e entre eles os das irmãs, não teve mão em si que não começasse a chorar. Nisto ouviu uns gemidos, e, procurando bem, encontrou um rapaz muito novo todo esfaqueado e que por milagre conservava um resto de vida. A menina tratou de o tirar de entre os mortos e curar-lhe as feridas; depois, para o reanimar, foi-lhe buscar um caldo e uma gota de vinho generoso; quando voltou a si disse-lhe muito triste:

— O que faz a senhora aqui? Esta casa é um covil de ladrões; se eles a vêem, logo a matam.

A menina descansou-o, sahiu para fóra, fechou a porta e depois deitou a pera ao pescoço.

Quando o capitão veio, perguntou com arrogancia:

— Fez o que lhe disse?

— Pois não havia de fazer, senhor?!

Olhou para a pera, e, como a viu sem mancha, ficou satisfeito e destinou muitos serviços que teria de fazer emquanto ele ia, com toda a sua tropa, fazer uma viagem de oito dias.

Quando se viu senhora da casa, tirou logo a pera do pescoço, foi ao quarto dos mortos buscar o doente, e tão bem o tratou que daí a dois dias estava bom e capaz de fugir. Combinaram sahir daquele covil de malfeitores e meteram-se a caminno. Na estrada encontraram tres carros cheios de palha que iam para a cidade. O mancebo dirigiu-se ao carreiro e perguntou:

— Que novidades ha na cidade?

— Officios dobrados pelo nosso bom principe, que, indo o outro dia á caça, desapareceu e nunca mais dele houve novas nem mandados.

— O principe sou eu, e esta menina, que me salvou a vida, é a minha noiva. Agora precisamos que vocês nos salvem das mãos dos ladrões, que em palacio meu pai vos saberá agradecer.

Os carreiros prontificaram-se logo a fazer o que podessem para os salvar. Este caso prova mais uma vez, que os grandes nunca devem desprezar os humildes, porque lá vem uma ocasião em que os seus serviços são mais uteis do que o dinheiro e empenhos dos poderosos.

Trataram, pois, os carreiros de tirar palha do carro que ia atraz e esconderam lá

os fugitivos, tornando a por-se tudo em marcha e seguindo como se nada fosse com eles.

Os ladrões tinham encontrado um feiticeiro, que se ofereceu ao capitão para ir para a sua companhia; este entendeu que era uma grande coisa ter consigo um adivinho que lhe desse conta de tudo quanto lhe convinha saber, e levou-o na sua companhia.

Quanto chegaram a casa e deram pela falta da menina e do príncipe ferido, o capitão ficou desesperado, sem saber onde ir procura-los. Foi então que o feiticeiro disse:—que iam escondidos num carro de palha que fossem lá busca-los.

Partiu um dos ladrões para os ir procurar e chegando a meio do caminho encontrou os carros de palha, mandou-os parar e despejar os que iam na frente, mas como os fugitivos iam no ultimo não deu com eles, e voltou para casa dizendo:

—O feiticeiro é um grande intrujão, despejei os carros da frente e nada encontrei.

--Volta lá — tornou o feiticeiro — e despeja o ultimo carro-todo, que vão escondidos no fundo.

Neste meio tempo tinham os dois, por

precaução, saído do carro de traz e passado para o do meio, de maneira que, quando o ladrão foi a toda a pressa e mandou despejar o carro, só achou palha.

Partiu furioso contra o adivinho e disse ao capitão que o mandasse matar, que nada adivinhava.

— Volta lá — respondeu o feiticeiro — porque vão agora no carro do meio.

Tornou o ladrão aos carroceiros e mandou despejar o carro do meio; já se vê, o príncipe e a sua companheira á cautela, tinham passado para traz, ainda mais furioso ficou por os não encontrar.

— Volta lá, que passaram para o carro da frente, — disse o feiticeiro.

O homem foi, mas não os pode agarrar porque tinham chegado á cidade e estavam, portanto, livres das garras dos malfeitores.

O rei ficou muito contente quando viu o filho, deu grandes riquezas aos carroceiros, e com a maior alegria aceitou para nóra uma tão corajosa como inteligente senhora.

No dia do casamento veio um dos ladrões disfarçado em camponio, e fingindo-se tolo, não fazia senão mostrar uma saca cheia de peças de oiro e dizer:

— Tão bonito! Tão bonito!



Um dos criados do paço, que isto observou, chegou-se a ele e disse-lhe:

— Quando vocemecê acha isto bonito, o que seria se visse o quarto do príncipe!

— Eu dava todas estas peças de ouro a quem me levasse lá!

O criado não quiz ouvir mais, pegou no saco e levou o homem a ver o palacio por dentro. Como havia uma grande confusão tratou de se desembaraçar do guia e meteu-se debaixo da cama dos noivos!

Quando a menina chegou ao quarto, disse para o marido:

— Não sei o que me adivinhá o coração, que estou mais triste do que a morte:

— Pois agora podes descansar, que os ladrões não nos vêm cá matar.

— E a minha alma diz-me que sim!...

O príncipe, para a socegar, mandar pôr uma sentinela á porta e deu entrada a um leão que tinha domesticado e era o mais fiel dos seus guardas. Quando o animal entrou no quarto, começou a farejar debaixo da cama e a rugir, de maneira que o príncipe e a noiva desconfiaram que alguma coisa havia, e chamando a sentinela encontraram o bandido que foi imediatamente metido na prisão. Primeiro, ainda se quiz fazer tolo, mas

depois achou melhor confessar tudo, e o criado ambicioso levou o seu castigo.

O rei mandou um destacamento cercar a casa dos ladrões, que foram todos apanhados como ratos na ratoeira. Depois de condenados á morte, deram volta á casa, onde encontraram riquezas sem conto e a prova de todos os crimes daqueles monstros.

A nôva princeza mandou chamar o pai, contou-lhe tudo que tinha sucedido, e ele, depois de lamentar a sorte mofina das duas filhas, ficou muito satisfeito de ver aquela viva e feliz. Daí para diante viveram todos no maior socego e alegria.

Assim ficou desinfectada da terrivel quadrilha aquella região, que havia muito tempo era o dominio dos malfeitores. Isto devido á coragem duma mulher, que dali em diante foi venerada por todos.



A FILHA DO LAVRADOR

EXISTIU — há que tempo isso vai! — num grande país, um rei muito bondoso, que tinha um filho de quem era muito amigo.

Ora o príncipe chegou á idade da razão e de poder governar o reino e o rei, cansado das fadigas de reinar e ao mesmo tempo desejoso de vêr como se portaria o seu herdeiro quando ficasse senhor da sua vontade, disse-lhe: — que tratasse de procurar esposa porque lhe queria passar as redeas da governança e não o podia fazer enquanto fosse solteiro. Isto porque ninguem sabe o que será

um chefe de Estado que não mostre saber governar uma família.

O príncipe não tinha achado nunca mulher que lhe agradasse e a todas punha senão: — esta porque não tinha espirito, aquela porque falava de mais, a procurar tê-lo, aquela porque não sabia o que dizia, outra era feia, outra presumida, outra sem elegancia...

Emfim, entre as princezas, grandes damas e donzelas que conhecia, nenhuma merecia a sua confiança e estima.

Como se tinha na conta de muito lido e sabedor, respondeu ao pai:

— Senhor, eu não digo que não casarei, se esse fôr o vosso desejo, mas affianço-vos que de vontade não tomarei mulher que não adivinhe o meu pensamento.

Mandou então fazer um grande carro e um carril, que mandou colocar no meio da praça. Depois foi anunciado por todos os reinos do mundo que o príncipe casaria com a mulher que adivinhasse o que queria dizer. Não houve princeza nem castelã, duquesa, fidalga ou burguesa que não viesse olhar para o carro e para o carril, e, depois de pensarem e dizerem qualquer disparate que lhes lembrava, não fosse despedida por

ordem do príncipe. Até pobres e boçaes camponias se lembraram de ser rainhas adivinhando o enigma, mas todas se retiraram pelo mesmo caminho.

Até que a filha dum rico e honrado lavrador foi ter com o pai e disse-lhe: — O príncipe é muito esperto, mas eu sempre lá vou a ver se faço alguma coisa.

O pai tentou dissuadi-la, mas a rapariga respondeu: — que nada perdia se viesse sem adivinhar o pensamento do príncipe, e então sempre ia experimentar, pois queria mostrar-lhe que nem todas as mulheres eram como ele julgava.

Meteu-se a caminho e chegando á praça olhou para o carro e para o carril e disse para o príncipe:

— Meu Senhor, isto quer dizer: que, entre março e abril, *queima a velha o carro e o carril*. E pode também ter outra significação, que é: *não há melhor aguada que a de entre março e abril*.

— Adivinhaste — disse o príncipe — mas para que eu cumpra a minha palavra tens que voltar cá de hõje a oito dias, mas não hasde vir vestida nem despida, calçada nem descalça, a pé nem a cavallo.

Foi a rapariga para casa e disse ao lavra-

dor que adivinhára o pensamento do príncipe, o que encheu de alegria o bom velhote, mas que tinha de lá voltar.

Depois pediu-lhe dinheiro e mandou fazer uma rede de oiro, tão fina que se amoldava ao corpo como se fosse malha de seda. Mandou buscar ao rebanho o melhor carneiro, e, no dia aprasado, apresentou-se á porta do palacio para que o príncipe cumprisse o prometido; pois ela vinha coberta com a rede de oiro que a tapava completamente e não podia dizer-se vestida. Montada num carneiro, portanto — nem a pé nem a cavalo. Com sapato num dos pés e outro nú — não ia calçada nem descalça.

— Bom; — disse o príncipe ao official que disto o informou — ide dizer-lhe que se retire e que ámanhã lhe mando outra coisa para ela fazer em oito dias. Se a cumprir será então minha esposa.

A rapariga foi-se embora e ao outro dia recebeu da parte do príncipe um sacco de trigo para que o mandasse semear, nascer, ceifar, malhar e moer e no fim de oito dias lhe levasse um bolo da farinha.

Ela não se incomodou; deixou-o ficar, e no dia marcado pegou numas poucas de duzias de ovos bateu-as em gemada e man-

dou-as ao principe com este recado: — que se ele fizesse chocar aqueles ovos e fizesse nascer pintos, tambem ela em oito dias faria semear, nascer, ceifar, malhar, moer, amassar e coser um bolo, feito do trigo que lhe mandára.

Vendo o principe que não tirava a mel hor com a rapariga, e a continuar a experiencia corria o risco de ser tomado por tolo, chamou-a e disse-lhe:

— Eu estou resolvido a fazer o que prometi mas hade ser com a condição de que nunca te meterás nas justiças nem injustiças que eu faça, pois já estou arrependido de ter procurado mulher que se julga tão esperta.

A filha do lavrador aceitou este contracto, fez-se o casamento com grande pompa e regosijo de todos e o principe foi logo aclamado rei, pois o pai assim o desejou.

Ora a nova rainha via fazer toda a qualidade de injustiças, porque lá diz o dictado: "livra-te de paredes velhas e de auctoridades novas" e nada dizia para não quebrar a promessa. Lá de si para si ralava-se com o que via e não lhe sofria mais o ânimo.

Até que um dia appareceram dois homens com uma questão para o rei julgar. Um ti-

nha uma egua e outro um campo onde o animal andava a trabalhar e ali tivera um cavalinho.

Dizia o do campo: "que o cavalinho lhe pertencia, porque nascêra na sua propriedade," jurando o outro: "que não, que o cavalinho era filho da sua egua e então só ele era o dono." O rei ouviu-os a ambos e mandou entregar o cavalinho ao do campo, que se foi todo satisfeito. O outro fartava-se de chorar, porque era muito pobresinho e aquella perda era muito grande para as suas posses.

A rainha soube deste caso, ficou indignadíssima e mandou vir o homem á sua presença, ensinando-lhe o que devia fazer.

Era alta noite quando toda a gente foi acordada com violentas marteladas que o dono do cavallo dava com um malho de ferro na cantaria do palacio. O rei mandou saber o que queria dizer tal disparate e o homem respondeu: — que estava ali pescando.

O rei imaginou que o homem estava varrido de cabeça e contou á rainha o caso em ar de graça. Ao que ella respondeu:

— Não vos adm:reis, Senhor, tanto pôdem da pedra nascer peixinhos como da terra cavalinhos.

Conhecendo então o monarca a injustiça que praticára, revogou a primeira sentença e ainda deu dinheiro ao homem.

Este era ainda dos que emenda o mal que fazia, por isso o podemos ter na conta de muito bom.

Mas, conhecendo também que a rainha se metêra naquela injustiça, contra o combinado, disse-lhe que se podia retirar para casa de seu pai, pois não cumprira o prometido e portanto não queria mais viver com ela.

— Vou imediatamente, Senhor, pois lá serei mais rainha do que no vosso palacio, mas deixai-me antes pedir-vos perdão das ofensas, se assim julgaes o meu acto innocente, e ficae com a certeza de que nunca deixarei de vos estimar.

— Cearei contigo esta noite — disse o príncipe, que no intimo se arrependia da sua louca decisão — e amanhã cedo te irás embora, podendo levar dô palacio aquilo que mais estimares.

Nunca a ceia fôra tão alegre, nem a rainha se mostrára formosa e engraçada como nessa noite.

Muito disfarçadamente, sem que o marido desconfiasse, deitou-lhe dormideiras no vinho.

Daí a pouco adormeceu tão profundamente, que ela pôde chamar dois fidalgos



em que punha toda a confiança, ordenar que lhe pozessem uma berlinda e eles mesmos carregassem com o rei adormecido para dentro. Assim o levou para casa do lavrador, seu pai, que vivia numa bela quinta no meio das suas ricas propriedades.

De manhã acordou o rei ao ruído, estranho para os seus ouvidos fidalgos, do choalhar das vacas e ovelhas que iam para o pasto, o grasnar dos patos, o *glù glù* dos

perús, e, por cima de todas, a voz alegre do galo, que anunciava que o dia principiava para o trabalho dos que vivem dos seus braços e da terra.

Deitou os olhos á roda do quarto, e, não vendo as cortinas de seda que lhe vedavam a luz, nem os quadros de mestres pelas paredes, nem o rico tapete no chão, nem as cadeiras doiradas, nem coisa alguma das que estava habituado a vêr, imaginou que sonhava e esfregou os olhos com força. Tanta vez fez isso, sem resultado, que se convenceu da verdade e chamou.

Veio logo a rainha, muito formosa e satisfeita com seus fatos de camponeza, e perguntou: — o que desejava o seu Rei e Senhor.

— Quero que me digas onde estou.

— Em casa de meu pai, Real Senhor.

— Ora essa! Em casa de teu pai para quê? Só tu devias vir, por não cumprires aquilo a que te comprometeste.

— É certo, — respondeu graciosamente a rainha, — mas não me disse Vossa Magestade que do seu palácio podia trazer o que mais estimasse? Ora, como é o meu marido e rei o que mais quero e estimo, por isso o trouxe comigo deixando riquezas que me são

completamente inúteis, sendo como sou uma simples filha dum honrado lavrador, vosso vassalo.

O rei compreendeu então que tinha casado com uma mulher superior a todas as outras e ficou muito satisfeito de a ter por esposa. Levou-a para o palacio e dahi em diante nada fazia sem a consultar. Não teve que se arrepender, pois foram sempre muito felizes e amigos um do outro, sendo justos e bons para o povo.



O SOLDADO

ERA uma vez um soldado, que, tendo acabado o seu tempo de serviço, recebeu a baixa e meteu-se a caminho de volta á sua terra.

Ora o bom do soldado não tinha uma riqueza por ahi além; levava apenas no borsal um pão de munição e quatro vintens. Mas o principal bem que tinha era a alegria, que não lhe faltava nunca. Ia no seu caminho, muito contente da sua vida, quando encontrou um velho mendigo que lhe pediu esmola.

— Eu não sou muito rico, homensinho, — disse-lhe ele — mas, emfim, metade do meu pão e um vintem sempre lhe servirão de alguma coisa.

O pobre agradeceu muito e o soldado continuou o seu caminho.

Mais adiante encontrou outro pobre, ainda mais doente e velho que o primeiro. O soldado teve muita pena e deu-lhe outra metade do pão e um vintem.

Mais adiante, terceiro pobre:

— Mau! Isto já me vai parecendo historia!... — resmungava ele. Mas, como era muito bom rapaz, logo que o pobre lhe pediu, deu-lhe os dois vintens que ainda tinha.

O pobresinho agradeceu e disse:

— Em recompensa das esmolas que me tens dado, fica sabendo que para o teu bernal irá tudo quanto desejares.

O soldado desatou a rir, perguntando:

— Pois quem és tu, que te mostras tão generoso para os outros, tendo tão pouco para ti?

— Eu sou S. Pedro, que me disfarcei nos três pobres que encontraste para ver até onde chegava a generosidade dum pobre soldado.

— Mas que interesse tens tu nisso?

— E' que lá no céu corre como certo que os soldados são muito maus e então eu vim à terra para experimentar o primeiro.

— Vá lá que me encontraste a mim, bom São Pedro, olha que nem todos são da minha força, pois até passo por prodigo.

— Como tu foste caridoso, deixa estar que nada te hade faltar no bornal.

Mal acabou de dizer isto, desapareceu, e o soldado ficou a rir imaginando que o pobre lhe tinha estado a fazer troça.

Continuou o seu caminho até que chegou a uma terra onde havia uma grande festa.

Todas as casas estavam tão cheias de forasteiros, que não havia um canto onde um pobre se estendesse, nem um caldo que não fosse pago por bom dinheiro. Ora o soldado tinha uma fome e um somno que mal se podia ter em pé. Chegou a uma hospedaria e pediu: — que ao menos o deixassem estar na cosinha, sentado num banco da lareira. Tiveram dó dele e deixaram-no entrar. Ele descansava as pernas, mas a fome é que não descansava, pois quanto mais tempo passava, mais o estomago parecia que se lhe colava às costas.

Com o cheiro dos bons petiscos que se cosinhavam, ainda aumentava mais, mas,

como não tinha dinheiro, não se atrevia a pedir nada. Lembrou-se do pobre e disse lá com os seus botões:

— Deixa cá vê se ele mentiu! . . .

Estavam umas perdizes no espeto a assar, muito loiras, muito apetitosas, já prontas para serem servidas ao hospedes ricos, e vai ele diz:

— Perdizes, para o meu bernal!

Imediatamente, com grande espanto da cozinheira, desapareceram as perdizes. Em vista disto, ficou o soldado acreditando que na verdade estivera com S. Pedro, e já para a ceia não se contentou só com as perdizes. Viu um taboleiro de pães e desejou um dentro do bernal. Depois uma garrafa de vinho, do melhor que houvesse na adega, e alguns bolos para sobremêsa.

Começou então a lamentar-se:—que tinha muito somno, que pelo amôr de Deus lhe dessem um quarto, que já não podia comsigo.

Tanta lamuria fez, que o dono da hospedaria, aborrecido de o ouvir, acabou por lhe dizer:

— Olhe, eu tenho ahi um quarto, mas não lhe levo dinheiro por êle se você lá ficar.

— Oh senhor! isso é uma grande fortuna e uma grande esmola que me faz.

— Pois escusa de agradecer porque não lhe faço favor nenhum. Anda o *medo* no tal quarto, e alguns hospedes que lá têm ficado aparecem mortos de manhã.

— Um soldado nunca tem medo; dê-me o senhor o quarto e o resto fica por minha conta.

Ensinaram-lhe para onde havia de entrar e deram-lhe uma luz.

Fechou a porta á chave, comeu as perdizes, o pão e o vinho que encontrou dentro do bornal, deitou-se e adormeceu logo mais feliz do que um rei.

Mas, daí a pouco, qual dormir nem qual historia! Eram picadas, bofetadas, pancadaria, um tal barulho no quarto que não podia pregar olho.

Acendia a luz e nada via; logo que a apagava sentia a mesma coisa!

E isto aconteceu tanta vez, que por fim aborreceu-se e gritou:

— Tudo para dentro do meu bornal!

O barulho acabou, como por encanto, e dormiu dum somno até de manhã.

Quando saiu do quarto todos ficaram admirados e o dono da hospedaria foi-lhe perguntar se não tinha visto nem sentido nada.

— Ver não! Mas ouvi um barulho infernal, e senti beliscões, bofetadas e picadelas que me iam fazendo em salada! Mas daqui em diante escusam de ter medo, porque o mal vai todo dentro do meu bornal.

Ficou o homem contentíssimo, abraçou o soldado, deu-lhe de almoçar e ofereceu-lhe o dinheiro que quizesse levar.

Dali foi o soldado a uma forja e disse ao ferreiro:

— Meta lá este bornal na bigorna e dê-lhe com o malho com quanta força tiver.

O homem assim fez, decarregou o martelo com alma umas poucas de vezes. Depois abriram o bornal e sahiu de lá uma nuvem de diabitos, uns com as pernas partidas, outros os braços, outros a cabeça, todos a gritar contra o soldado, que ria como um perdido.

Dali foi andando, andando, até que chegou á sua terra, e lá viveu muitos anos, feliz como ninguem.

Nada lhe faltava, porque tudo quanto desejava ia encontrar dentro do bornal. Mas, passado muito tempo, aborreceu-se de viver cá no mundo e resolveu ir para o céu.

Pegou no bornal e foi andando até que se encontrou em frente de dois caminhos.



Um era muito custoso de subir, cheio de pedras e espinhos, as silvas tomavam-no todo, e os que conseguiam passar ficavam com as carnes ensanguentadas, cansados e miseráveis. Era o caminho do céu.

O outro era todo florido, a descer, uma bela estrada sem pedras nem espinhos até chegar ao inferno.

O soldado não quiz saber de mais nada, andou por ali abaixo e foi bater á porta da casa do diabo.

Abriam-lhe logo, pois ha sempre logar para os que querem entrar. Mas o guarda portão mal o viu gritou para os outros diabos:

— Olhem quem aqui vem! É o maroto que nos meteu na bigorna!

E num grande alarido disseram que fosse para onde quizesse, que lá no inferno é que não entrava!

De mau humor ficou o soldado, mas emfim, não teve remedio senão pegar no bernal e com todo o custo subir o caminho do céu.

Chegou á porta e bateu; abriu S. Pedro o postigo a vêr quem era, e disse logo:

— Ah! tu por cá? Pois vai por onde vieste, que no paraizo é que não entras! Grande maroto! Não te bastou seres tão pecador

no mundo e ainda por preguiça fostes primeiro bater á porta do inferno! Pois vai para lá, que esta porta não t'a abrirei nunca.

O soldado, que ouvia já os cantos dos anjos, via o esplendor de mil sóes, e perfumes deliciosos lhe vinham como principio de felicidade eterna, respondeu:

— Ora essa, Senhor S. Pedro! Então eu não heide entrar no céu? Já não é meu amigo?! Que mal fiz eu?

— Que fizeste? Então achas pouco ires primeiro ao inferno antes de vir aqui?! Então imaginas que aceitamos os desprezados do inferno?! Era o que faltava!...

— La isso é verdade, Senhor S. Pedro, mas para que arranjaram para cá chegar um caminho tão mau?! Foi por o vêr tão difficil de subir, que procurei outro mais suave, não foi por mal, pode crer!...

— Pois sim, sim! Mas cá é que não entras!

— Então sento-me aqui fóra, porque estou muito cansado.

Dahi a pouco tornou a bater. São Pedro abriu o postigo e perguntou:

— O que queres? Já te disse que não te deixo entrar cá dentro.

— Não é isso, senhor São Pedro, é por-

que não tenho onde pôr o meu bernal e quero pedir-lhe o favor de mo guardar ahi.

S. Pedro consentiu e recebeu o bernal pelo postigo. Mal o soldado o apanhou lá dentro, disse:

— Desejo-me dentro do meu bernal!

Imediatamente transpôs a porta fechada a sete chaves pelo velho santo e encontrou-se no céu. S. Pedro achou-lhe muita graça, abraçou o soldado, de quem ficára grande amigo desde que lhe conhecera a generosidade, e lá o deixou ficar para sempre na maior satisfação.



O FIGUINHO DA FIGUEIRA

HAVIA um homem e uma mulher casados, que tinham uma filha de quem eram muito amigos. Com eles vivia uma velha rabugenta e feiticeira, que estava em nome de mãe da mulher, e tinham por criado um preto.

Perto daquela terra fazia-se uma feira muito importante, e o homem e a mulher que tinham que dar ordem á vida e não eram ricos, foram para lá fazer o seu negocio, levando o preto para es ajudar.

A menina ficou em casa com a velha,

mas os pais antes de sair recomendaram-lhe muito que a não deixasse ir nem para a rua nem para o quintal, por que podia acontecer-lhe alguma desgraça. Que a guardasse muito bem, pois era todo o seu amor.

Mal a velha os viu pelas costas, foi ao quintal contar os figos duma figueira que ali havia, e mandou a menina para baixo, dizendo-lhe: "que a matava se faltasse algum daqueles figos."

Enxotava os passaros quanto podia, mas lá veiu um mais atrevido, que se não importou com os seus gritos, e roubou um figo.

Voltou a avó a conta-los, e, dando por falta daquele, ficou desesperada. Abriu então uma cova muito funda para enterrar a netinha, e chamou-a para a pentear. Quando a criança estava quasi a dormir atirou-a para dentro da cova deitou por cima terra e pedras e foi para casa.

Quando os pais da menina vieram e perguntaram por ela, respondeu a velha: "que não sabia, que tinha fugido e que a não poderia agarrar."

Procuraram-na por todas as casas da vizinhança, perguntaram a toda a gente se a tinham visto, mas ninguem lhes deu conta dela. Passaram-se os dias e os meses na

maior aflição, até que uma tarde em que o preto andava no quintal a apanhar relva, viu uma roseira nova toda coberta de lindíssimas rosas, que nascera debaixo da figueira, e cortou uma flôr para levar a sua ama. Sentiu então uma voz muito linda que vinha da terra e dizia :

"O' preto, ó meu pretinho!
"Não me cortes o cabelinho,
"Minha mãe mo penteou,
"Minha avó me enterrou,
"Pelo figuinho da figueira,
"Que o passarinho levou.

O preto, muito surpreendido, correu a casa dizendo aos patrões: "que a menina não aparecia, mas que lhe ouvira o voz debaixo da terra!"

Como os pais não acreditavam, repetiu o que ouvira á voz e era assim :

"O' preto, ó meu pretinho!
"Não me cortes o cabelinho,
"Minha mãe mo penteou,
"Minha avó me enterrou,
"Peló figuinho da figueira
"Que o passarinho levou.

A velha feiticeira não fazia senão gritar: "que o preto estava maluco e que não acreditassem o que ele dizia." Mas os pais não fizeram caso e foram ao quintal. Pegou o criado na roseira e logo ouviram a mesma voz:

"O' preto ó meu pretinho!
"Não me cortes o cabelinho
"Minha mãe mo penteou,
"Minha avó me enterrou,
"Pelo figuinho da figueira
"Que o passarinho levou.

Trataram logo de abrir a cova e encontraram a menina deitada, uma fontinha a correr ao lado, Nossa Senhora sentada á cabeceira, Nosso Senhor aos pés, e os anjos, com velas acesas, rodeando o corpo. Da cova sahi um tão dôce cheiro a rosas, que parecia um jardim do céu.

Os pais e o preto caíram de joelhos e com muitas lagrimas pediram á Senhora que fizesse acordar a menina.

Nosso Senhor não queria, porque ela era santa e no céu era o seu lugar, mas Nossa Senhora, que sabe o que é ter filhos, teve muita pena dos pais, ressuscitou a menina e entregou-lha, para que bem a guardassem.

Dali foram para casa, para entregarem a velha á justiça, mas já se tinha justificado por suas mãos, pois se deitára duma janela abaixo, e veiu logo o demonio que a arrebatou em corpo e alma para o mais terrivel dos infernos.

A menina foi sempre muito boa e pela sua generosidade e paciencia para todos os trabalhos da vida bem mostrava ser uma santa que só por especial fados de Deus andava no mundo.



OS COMPANHEIROS FELIZES.

UM gato, uma vez, teve não sei que pendência com um seu companheiro e resolveu ir a Roma falar com o papa, para tirar o negocio a limpo.

No meio do caminho, ia ele muito esbaforido pela pressa e com o terrivel calor que estava, quando viu um galo empoleirado numa arvore, que lhe cacarejou lá de cima:

— Ó amigo para onde vais tão açodado? Viste por ahi alguma ratazana para o jantar?

— Eu, não; trato agora lá disso! Vou para Roma!

— Então espera ali que eu também vou. Também preciso falar ao papa acerca dum negocio particular.

E, saltando para baixo, seguiram os dois muito satisfeitos. Andaram, andaram, até que passaram por uma aldeia onde viram um porco deitado ao sol.

— Para onde vão vocês? — grunhiu ele.

— Para Roma, para Roma!

— Eu também vou, que já me aborrece vêr sempre as mesmas caras e desconfio que está lavrada a minha sentença de morte.

Espreguiçando-se demoradamente, lá se levantou e seguiu os dois.

Mais adiante atravessavam um prado onde um carneiro pastava; gritou-lhes ele de lá:

— Para onde vão com tanta pressa?

— Para Roma, para Roma, consultar o papa! — respondeu o gato, que era o director da caravana.

— Então esperem um pouco, que eu também vou. Há muito que sentia vontade de viajar, para ver países mais belos e terminar a minha educação, mas não ia por não ter bons companheiros, como vocês me parecem ser.

Partiram os quatro, cada vez mais satisfeitos.

Mais adiante encontraram uma pata, que nadava solitariamente num grande tanque.

Mal os viu, perguntou :

— Para onde vão vocês quatro, tão empoeirados ?

— Para Roma, para Roma, consultar o papa!

— Então esperem ahi, que eu tambem os acompanho. Estou aborrecendo mortalmente estes sitios onde me criei e tão feios devem ser, em comparação com os outros de que alguns meus amigos de arribação me têm contado maravilhas.

Pulando para fóra da agua sacudiu as asas, e puzeram-se em marcha alegremente.

Foram indo, até que num descampado lhes anoiteceu, e não sabiam que fazer nem onde se recolheriam. Já começavam a affligir-se quando o galo subiu a uma arvore e de lá avistou ao longe uma luzinha animadora.

Dirigiram-se para a casa donde ella partia e o carneiro bateu á porta com estrondo.

Os ladrões, que eram os dônos, ouviram aquilo, imaginaram que era a policia que os vinha prender, e fugiram assustados. Foi

qual havia de saltar primeiro pela janela e correr sem destino pelos campos.

Os cinco companheiros, que isto viram trataram de entrar, sentaram-se á mesa, e comeram a ceia dos ladrões, com o melhor dos apetites. No fim de bem saciados, levantou-se o gato e disse:

— Meus amigos e companheiros, temos que nos pôr em guarda, porque o inimigo não tarda ahí. Eu fico na chaminé e vocês escolham os seus postos.

— Eu vou para traz da pórtá — disse o porco.

— Eu salto já para o caniço — acudiu o galo.

Respondeu o carneiro:

— Pois eu vou para o corredor.

E a pata:

— Sim? e eu vou para a janela!

Combinado isso, apagaram as luzes, e trataram de adormecer para descansar das fadigas da jornada.

Os ladrões, que de longe espreitavam a casa e diziam mal á sua vida, pois a fome e o frio apertavam, logo que viram as luzes apagadas combinaram mandar um deles observar o que se passava.

O capitão mandou um dos mais corajo-

sos, mas ainda não tinha passado uma hora e já o viam voltar feito um lazaro e a gritar destemperadamente:

— Fizeram bem, fizeram bem em lá não ir! Vejam como aqui venho ferido e arranhado!

— E' verdade! Quem te pôz em tão miseravel estado? — perguntaram os companheiros.

— Vocês não imaginam o que está na nossa casa! Entrei lá, e, como visse dois carvões a luzir entre a cinza da chaminé, fui acender um fosforo; saltou-me de lá um cardador que me atirou com as cardas á cara, arranhou-me como veem, e por pouco me não tira os olhos.

— Depois, depois? — perguntaram todos.

— Ora, não lhes conto nada! Depois fugi para o corredor e encontrei um carpinteiro que me atirou com os martelos ás pernas e me tirou um bocado de carne. Neste meio tempo saltou do caniço um alfaiate que me picou com agulhas e alfinetes, até me deixar a escorrer sangue. A' porta estava um sapateiro que me deitou as torquezas ás barrigas das pernas. E uma senhora da janela, gritava: *passe, passe, passe!* Eu é que lá não volto, nem que me levem de rastros.

— Nem eu, nem eu, nem eu! — gritaram todos.

O cardador não passava de ser o gato com as suas unhas afiadas, o carpinteiro era o carneiro, o alfaiate nem mais nem menos que o galo, o sapateiro o porco, e a *senhora* era a pata que saltára para a janela.

Mas os ladrões apanharam tal susto que abandonaram aos cinco companheiros felizes todas as riquezas que tinham roubado e guardavam na casa, que tão audaciosamente tinham conquistado.

O gato, vendo que ninguem ali os incomodava, chamou os seus amigos a conselho e disse-lhes que: «em vista daquela fortuna inesperada, seria melhor desistir de irem a Roma e passarem ali no socego e abundância o resto dos dias.

Os outros concordaram plenamente, e, esquecendo agravos e pendencias, que facilmente se esquecem com a riqueza, foram sempre felizes e respeitados.

Desconfio até que ainda hoje lá estão, já velhinhos, mas sempre afortunados e alegres.

INDICE

	Pag.
Os dois almocreves.....	5
A menina fadada.....	17
O carvoeiro.....	27
Os meninos da estrela de oiro na testa.....	33
O esperto.....	63
A mão de finado.....	85
A filha do lavrador.....	105
O soldado.....	115
O figuinho da figueira.....	125
Os companheiros felizes.....	131

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

A presente edição que é a 3.^a deste volume
consta dos 8.^o, 9.^o e 10.^o milhares

Reservados todos os direitos



Este livro, que é o 3.^o volume da Primeira Serie da Colecção «Para as crianças» fundada em 1897 e dirigida por Ana de Castro Osorio, acabou de se imprimir na Typografia LUSITANIA da Rua do Seculo, 50 em

21 de Março de 1924

